Maio - Junho 2018

A BOA NOVA

do Mundo de Amanhã



70 Anos de Israel

UMA HISTÓRIA INCRÍVEL

O Perene Amor de Deus por Israel **9** • O Monte do Templo em Jerusalém: O Centro do Conflito **13** • Uma Breve História do Monte do Templo de Jerusalém **16** • Outra Batalha No Monte do Templo: Qual Era Sua Localização Original? **18** • Da Glória à Glória, para trazer Glória ao Homem **23** • Quem e o Que Era Jesus Cristo Antes de Nascer Como Ser Humano? **26** • A Grande Tribulação **28**

3 • A Vida Em Um Bairro Perigoso

4 • 70 Anos de Israel - Uma História Incrível

A moderna Israel faz setenta anos de existência e, ao olhar para trás, podemos ver o que levou ao incrível restabelecimento desse Estado judeu na Terra Santa depois de séculos de exílio, de luta e de resistência desde então — e ainda com promessas e anseios ainda não cumpridos.

9 • O Perene Amor de Deus por Israel

Os setenta anos de existência do moderno Estado judeu são parte de uma grandiosa história—a história do amor comprometido de Deus por Seu povo como parte de um plano que culminará na oferta de salvação ao mundo inteiro.

13 • O Monte do Templo em Jerusalém: O Centro do Conflito

Durante séculos, Jerusalém tem sido um núcleo de conflitos. O que há por trás disso tudo? Será que isso vai acabar um dia? Acredite ou não, sua Bíblia prediz um final feliz e glorioso para tudo isso!

Coluna Lateral: Uma Breve História do Monte do Templo de Jerusalém





Fotos, do cimo: Haykirdi/iStock/Getty Images, Scott Ashley

18 • Outra Batalha No Monte do Templo: Qual Era Sua Localização Original?

Estamos acostumados a ver manchetes sobre confrontos sangrentos entre árabes e israelenses por causa do Monte do Templo. Mas outra batalha, envolvendo velhos argumentos, está ressurgindo—a pugna agora é sobre o que a história e a arqueologia dizem quanto ao verdadeiro local onde existiam os templos de Jerusalém. Quais são os fatos?

23 • Da Glória à Glória, para trazer Glória ao Homem

Quem era Aquele que veio e morreu pelos pecados do mundo? Quem realmente era Ele? Como Ele chegou ao mundo? E por que isso importa?

Coluna Lateral: Quem e o Que Era Jesus Cristo Antes de Nascer Como Ser Humano?

28 • A Grande Tribulação

Bem-vindo à décima lição da série "A Profecia Bíblica e Você"!

Capa: Colagem de fotos por Shaun Venish/Mariusz Prusaczyk/Mathias Rhode/PaylessImages/123RF

QUEM SOMOS

A Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*, encontra as suas raízes na Igreja que Jesus fundou, no início do primeiro século. Seguimos os mesmos ensinamentos, doutrinas e práticas que então foram estabelecidas. A nossa incumbência é de proclamar o evangelho do vindouro Reino de Deus por todo o mundo, como uma testemunha, e de ensinar todas as nações a observar o que Cristo ordenou (Mateus 24:14; 28:19-20).

Nós oferecemos esta revista e outras publicações gratuitamente, seguindo a instrução de Cristo: "de graça recebestes, de graça dai" (Mateus 10:8). Isto é feito possível pelos generosos dízimos e ofertas dos membros da Igreja e colaboradores, que voluntariamente contribuem para o suporte desta Obra. Se desejar, de livre vontade dar um dízimo ou fazer um donativo no Brasil, para ajudar esta Obra de Deus, use a conta bancária na página 32.

Se vive em Angola, somos representados pela Igreja de Deus Mundial em Angola e seus detalhes bancários são:
Banco Angolano de Investimento (BAI): Número da Conta Bancária: 65190368/10/1 Ou
Banco de Fomento Angola (BFA): Número da Conta Bancária: 20565467
Beneficiário: Igreja de Deus Mundial, Angola

Internet: https://portugues.ucg.org/a-boa-nova / **Facebook:** Igreja de Deus Unida

ENDEREÇOS

Brasil: Igreja de Deus Unida
Caixa Postal 2027
Uberlândia – MG,
CEP 38400-983
Telefone: +1 (513) 576 9796
e-mail: info@ucg.org

Estados Unidos da América:
Igreja de Deus Unida
P O Box 541027,
Cincinnati, OH, 45254-1027
Telefone: +1 (513) 576 9796
e-mail: info@ucg.org

Angola:
Igreja de Deus Mundial
Caixa Postal No 12,
Município de Cacuaco, Luanda
Telefones: +244 923 429 320
+244 923 633 506 / +244 923 719 704
e-mail: dedeusmundial@hotmail.com

A Boa Nova é a edição portuguesa da revista *Beyond Today*



Scott Ashley
Editor-chefe

A Vida Em Um Bairro Perigoso

Várias coisas me chamaram a atenção quando visitei Jerusalém pela última vez há alguns anos.

Na primeira noite fui à rampa que todos os turistas, não muçulmanos, devem subir para visitar o Monte do Templo. Numa curva dessa rampa, havia várias dezenas de escudos antimotim, obviamente colocados ali pela polícia israelense para acesso rápido para conter qualquer eventual tumulto ou outra situação complicada.

A segunda foi particularmente desconcertante para mim como estudante de arqueologia bíblica. Em um canto do Monte do Templo havia toneladas de terra, resultado de uma demolição, sigilosamente carregadas dali em caminhões, que tinha o intuito de abrir espaço para a construção de uma enorme mesquita subterrânea. Aqui, em um dos maiores e mais importantes sítios históricos do mundo, uma grande quantidade de evidências arqueológicas tinha sido descartada ou destruída sem nenhuma supervisão e em uma violação direta da lei israelense.

A terceira coisa surpreendente eu encontrei depois de descer do Monte do Templo até a um estacionamento para seguir com meu passeio. Ali, cerca de uma dúzia de policiais israelenses vestiam armaduras, checavam suas armas e carregavam lançadores de gás lacrimogêneo.

Por quê? Porque as orações de sexta-feira começariam em breve no Domo da Rocha e na Mesquita de Al-Aqsa, no topo do Monte do Templo, e era comum a presença de muçulmanos lá que, depois de serem despertados pelo frenesi do sermão de sexta-feira, arremessavam pedras nos fiéis judeus que oram no Muro das Lamentações abaixo. A polícia israelense usava, quase semanalmente, esse equipamento antimotim nessa situação.



Preparação da polícia israelense para possíveis tumultos instigados por imãs muçulmanos durante as orações de sexta-feira na Mesquita Al-Aqsa e no Domo da Rocha em Jerusalém.

Mais tarde, fomos fazer uma excursão na cidade de Davi, onde nosso guia israelense apontou para as bandeiras verdes brilhantes que tremulavam no bairro árabe de Silwan, nas encostas mais baixas do Monte das Oliveiras, em frente ao Vale de Cedrom, na Cidade Antiga de Jerusalém. As bandeiras sinalizavam a fidelidade dos habitantes ao Hamas, o grupo terrorista islâmico que jurou destruir Israel.

Na última noite de nossa viagem, um taxista israelense nos buscou em nosso hotel em Jerusalém para a viagem de uma hora até ao aeroporto. Ele parecia visivelmente preocupado. Naquela tarde, seu sobrinho de oito anos estava brincando em seu bairro de Jerusalém quando um homem árabe apareceu, repentinamente, e o apunhalou várias vezes e fugiu. Naquela noite ainda estavam tentando salvar a vida dele e nosso motorista não sabia se seu sobrinho sobreviveria.

E assim é o delicado estado de paz na "cidade da paz".

Não me entenda mal. Adoro visitar Israel e Jerusalém, e recomendo que qualquer pessoa que queira ter uma visão mais profunda da Bíblia passe algum tempo naquele lugar. Eu nunca me preocupei com minha segurança lá, pois achei que ela é mais segura do que muitas cidades ocidentais.

Essas ocorrências mostram apenas a triste realidade de que em Israel existe um bairro perigoso, cercado por pessoas que querem destruí-la. A carta do Hamas, o grupo terrorista que governa Gaza ao longo da fronteira sudoeste de Israel, demonstra por que essa paz é volátil. Alguns trechos (grifo nosso ao longo do texto):

"Israel existirá e continuará existindo *até que o Islã a destrua*, assim como destruiu outros antes de Israel".

"O Movimento de Resistência Islâmica . . . *tem se esforçado para levantar a bandeira de Alá sobre cada centímetro da Palestina*" (que, para o Hamas, significa toda a terra de Israel).

"*Não há solução para a questão palestina, exceto através da jihad. Iniciativas, propostas e conferências são uma perda de tempo e esforços inúteis*".

A Autoridade Nacional Palestina, que governa a Cisjordânia, é um pouco menos agressiva. O Pacto Palestino, que estabelece sua ideologia, afirma no Artigo 9: "*A luta armada é a única maneira de libertar a Palestina* . . . O povo árabe palestino *afirma sua absoluta determinação e firme resolução de continuar sua luta armada e de trabalhar por uma revolução popular armada para a libertação de seu país* . . . .

Sem dúvida, essas declarações deixam claro que o problema é a própria existência de Israel. Tanto o Pacto Nacional Palestino quanto a Carta do Hamas pedem a jihad violenta até erradicar todo e qualquer judeu daquela terra e destruir completamente a Israel.

Porém, contra todas as probabilidades, Israel consegue não apenas sobreviver, mas também prosperar. Essa é uma história impressionante e que, surpreendentemente, foi revelada há muito tempo na profecia bíblica.

Nas páginas da revista *A Boa Nova*, nós entregamos uma imprescindível perspectiva bíblica de nosso mundo. A terra de Israel é fundamental na Bíblia e você precisa entender o motivo. Israel celebrou seu septuagésimo aniversário de fundação como um estado moderno, portanto, você precisa ler cuidadosamente esta edição para entender melhor como a mão de Deus age naquela terra impressionante!



Scott Ashley



70 Anos de Israel

UMA HISTÓRIA INCRÍVEL

A moderna Israel faz setenta anos de existência e, ao olhar para trás, podemos ver o que levou ao incrível restabelecimento desse Estado judeu na Terra Santa depois de séculos de exílio, de luta e de resistência desde então — e ainda com promessas e anseios ainda não cumpridos.

por Steven Britt

O moderno Estado de Israel, provavelmente, a entidade geopolítica mais complicada e controversa do mundo de hoje, nasceu há setenta anos em 15 de maio de 1948. Muitos já descreveram como milagrosa a história de sua existência, colonização e sobrevivência.

E, como a profecia bíblica revela uma presença política judaica em Jerusalém e na área circunvizinha no tempo do fim, e considerando que isso parecia improvável se não impossível durante séculos, é bastante compreensível reconhecer a mão de Deus em ação para isso se tornar realidade. Deus declara que faria acontecer o que Ele predisse (Isaías 46:9-11).

Qual é a história por trás da formação do Estado de Israel? Muitos leitores já estão um pouco familiarizados com a existência da nação judaica na Terra Santa no tempo de Jesus Cristo e dos apóstolos, mas e quanto ao que se seguiu depois disso? Essa incrível história é um testemunho notável da fidelidade de Deus ao realizar o que tem prometido e predito.

O povo judeu viu sua antiga presença naquela terra, anteriormente conhecida como Canaã e, nos tempos do Novo Testamento, como Judéia, Samaria e Galileia, como um cumprimento das promessas de Deus a Abraão—no território referido como a Terra Prometida. E mesmo depois que os romanos os expulsaram dali, o povo judeu continuou em busca das promessas e das profecias de Deus de trazer de volta as tribos de Israel e Judá àquela terra.

Judeus observantes, aqueles que continuaram a seguir as tradições religiosas judaicas, mantiveram um desejo profundo de retornar à sua terra natal. Seus serviços anuais da Páscoa e do Yom Kipur (ou Dia da Expiação) se encerravam com este rogo: "No próximo ano em Jerusalém!".

Depois de tanto tempo, os sonhos de um povo finalmente começariam a se realizar com os notáveis acontecimentos que levaram ao ano de 1948 e os seguintes. No entanto, como revela a Bíblia, há um cumprimento muito maior ainda por vir.

A Diáspora

Perto do fim do Seu ministério, Jesus predisse a iminente destruição do templo (Mateus 24:2). A situação do exílio judeu na terra de Israel começou no ano 70 d.C. pelas mãos do imperador romano Vespasiano, através de seu filho e sucessor Tito, que na época era um general, e apenas quarenta anos depois que Jesus pronunciou essas palavras. A cidade de Jerusalém e o templo de Deus, onde Jesus adorou e ensinou, foram destruídos.

Os judeus esperavam que o Messias fosse um rei que restauraria a nação e os libertaria do domínio romano—e não o Cordeiro sacrificial de Deus, que lhes foi enviado para libertá-los da escravidão espiritual em que estavam enredados e que ignoravam.

O desejo dos judeus de independer-se de Roma levou a revoltas que provocaram sua própria ruína, e até hoje o Arco de Tito, fora do Coliseu em Roma, é um testemunho dessa vitória que levou a 1.800 anos de "diáspora"—a dispersão do povo judeu da terra de Israel. A construção do próprio Coliseu foi financiada pelos despojos da guerra com os judeus.

Outra tentativa judaica de livrar-se do domínio romano, sessenta e cinco anos depois, a Revolta de Bar Kokhba entre 132 e 135 d.C., foi esmagada pelos romanos sob o imperador Adriano. Isso resultou na expulsão dos judeus de Jerusalém, que tornou-se em uma cidade pagã e com um templo pagão no topo do Monte do Templo.

Os séculos se arrastaram e a Terra Prometida acabou sendo conquistada e submetida ao domínio muçulmano, que duraria por *muitos mais* séculos. Parecia impossível restabelecer ali um governo judeu.

O movimento sionista

É importante entender que, a partir da destruição de Jerusalém pelos romanos em diante, o povo judeu foi perseguido em quase todos os lugares por onde passaram—não apenas sob o paganismo romano, mas também sob a versão, frequentemente, antissemita

Colagem de fotos por Shaun Venish/Mariusz Prusaczyk/Mathias Rhode/PaylessImages/123RF

do cristianismo que o sucedeu. Durante a Idade das Trevas, a Idade Média e até mesmo a Renascença e o Iluminismo, os judeus continuaram se dispersando em busca de paz, mas não a encontravam.

No fim do século dezenove e início do século vinte, os *pogroms* anti-judaicos—que tinham como objetivo a perseguição, em larga escala, contra os judeus—se espalharam pelo Império Russo.

Em 1896, Theodore Herzl, um ativista político judeu da Hungria e da Áustria, resumiu a condição opressiva dos judeus em seu famoso panfleto *Der Judenstaat* ("O Estado Judeu"), afirmando:

"Nos países onde há séculos vivemos ainda somos vistos como estranhos e, frequentemente, por aqueles cujos antepassados ainda não habitavam nessa terra onde os judeus já passavam por sofrimentos".

Theodore Herzl foi chamado de pai do sionismo—movimento para restabelecer uma pátria ao povo judeu, sendo Sião o nome de Jerusalém. Sua defesa apaixonada por um Estado judeu foi fundamental para o que logo ocorreria. Porém, tornar sua visão uma realidade exigia algo mais do que ideais: seu sonho precisava de apoio político internacional.

> Os sonhos de um povo finalmente começariam a se realizar com os notáveis acontecimentos que levaram a 1948 e aos anos seguintes. **No entanto há um cumprimento muito maior ainda por vir.**

Esse apoio político começou a caminhar mais de vinte anos depois do *Der Judenstaat* de Herzl, na esteira da agitação política da Primeira Guerra Mundial. Naquela época, os turcos otomanos muçulmanos já vinham governando a Terra Santa por mais de quinhentos anos. A proposta de Herzl era fazer um humilde pedido ao sultão turco pela terra, ou então, comprá-la dele, mas a derrota dos otomanos diante dos britânicos, na Primeira Guerra Mundial, mudou essa conversa—decididamente a favor dos judeus.

Do Mandato Britânico à condição de Estado

Em 1917, enquanto as forças britânicas estavam arrebatando a Terra Santa dos otomanos, um ano antes do fim da guerra, a famosa Declaração Balfour do Secretário Britânico de Relações Exteriores, Arthur James Balfour, proclamou: "O governo de Sua Majestade encara favoravelmente o estabelecimento, na Palestina, de um Lar Nacional para o Povo Judeu". Logo depois, a Grã-Bretanha foi encarregada de governar a área sob o mandato da Liga das Nações, em 1920.

Infelizmente, as esperançosas palavras dessa declaração pairariam, impetuosamente, no ar por quase trinta anos devido a grandes e terríveis acontecimentos em toda a Europa—que culminou na ascensão da Alemanha nazista de Adolf Hitler, sua conquista no continente e sua atroz e sistemática limpeza étnica dos judeus.

O Holocausto ceifou a vida de mais de seis milhões de judeus e causou um sofrimento incalculável. Para amenizar esse cenário, e depois de tantos traumas, a recém-criada ONU aprovou em novembro de 1947 uma resolução para dividir a terra da Palestina em um Estado judeu e um Estado árabe, com a cidade de Jerusalém, severamente disputada, designada como uma cidade internacional e especial não pertencente a nenhuma nação.

Os judeus tinham sonhado, esperado, trabalhado e pressionado por este momento, e agora começavam a organizar-se para estabelecer rapidamente um governo.

Importantes preparações

O grau de preparação para este momento nos cinquenta e dois anos que se passaram entre o *Der Judenstaat* de Herzl e a fundação do moderno Estado de Israel não pode ser ignorado. Se os judeus tivessem encarado seu objetivo com menos seriedade e determinação, rapidamente, sua nova nação teria alcançado seu fim nas mãos de países árabes grandes e potentes que os cercavam.

A imigração durante todo o período do Mandato Britânico—muitas vezes realizada ilegalmente pelos limites impostos pela Grã-Bretanha—proveu a terra de uma presença judaica capaz de sustentar-se e defender-se. O povo judeu formou uma força de combate chamada *Haganah*, que significa "A Defesa", que mais tarde serviu como uma base organizada para estruturar a Forças de Defesa de Israel (IDF).

Esses pioneiros enfrentaram imensos obstáculos. Proibidos de fabricar suas próprias armas e munições, eles realizavam operações secretas para fabricá-las, muitas vezes colocando em risco a própria vida e a liberdade, preparando-se para a inevitável necessidade de defesa da pátria se, de fato, obtivessem o status de Estado.

Além desses esforços pragmáticos, a unificação cultural do país é em grande parte devida a um homem chamado Eliezer Ben-Yehuda, que reviveu a língua hebraica e a tornou completa, adaptável e útil para os propósitos modernos.

É importante entender que os judeus vieram de todas as partes do mundo com diversas línguas nativas, nuances culturais e perspectivas religiosas. A introdução do hebraico moderno inspirou unidade e cooperação que deu origem a uma cultura israelense distinta. Esse desenvolvimento crucial, somado à ânsia dos judeus de se desfazer de suas raízes nacionais anteriores, à luz de sua perseguição universal, facilitou essa verdadeira mudança cultural, o que fortaleceu continuamente a nação.

O conflito imediato com o mundo árabe

Em 1947, quando aquela resolução da ONU foi aprovada, os árabes da Palestina e arredores mobilizaram-se para a guerra, determinados a empurrar os judeus "para dentro do mar", como se costumava dizer. E essa luta não parou desde o início de Israel.

Após essa resolução, os combates começaram com a Guerra Civil na Palestina Mandatária (1947-1948), ainda sob Mandato Britânico, entre comunidades judaicas e árabes, esta última com a ajuda de forças árabes estrangeiras. A fase seguinte, a guerra árabe-israelense de 1948, ocorreu após o nascimento de Israel e continuou até o ano seguinte. A Jordânia, o Egito, a Síria e o Iraque enviaram forças expedicionárias, reforçadas por tropas de outros países, mas os judeus saíram vitoriosos.

As consequências do estabelecimento desse Estado judeu ainda persistiriam—além de resultar no deslocamento de cerca de setecentos mil árabes da área da Palestina, que fugiram para as nações árabes vizinhas. (Um fato, raramente mencionado, é que, no final da década de 1940 até 1972, um número igual de judeus fugiu ou foi expulso de

países muçulmanos no Oriente Médio e Norte da África e, depois, reassentado em Israel).

O fluxo de refugiados trouxe um dilema insólito aos países árabes: Conceder-lhes cidadania e assimilá-los perturbaria seus delicados equilíbrios políticos e também seria o mesmo que admitir o direito de existência de Israel. Os descendentes dessa população original de refugiados se multiplicaram em uma nação sem Estado e milhões de pessoas ainda estão lutando—com política e armas—pela reversão de seu exílio e estabelecimento de um Estado palestino.

O que é surpreendente para a maioria dos observadores é que Israel, em todos os aspectos, sendo muito menor do que seus inimigos, conseguiu não apenas sobreviver a seu primeiro conflito militar, mas também construir uma democracia próspera e estável capaz de sempre se defender.

Nos anos seguintes, a história de Israel seria um ciclo de constantes provocações e guerra com todos os seus vizinhos. A mais significativa e impactante delas foi a Guerra dos Seis Dias de 1967, a qual distinguiu claramente Israel como a força militar dominante na região, uma posição que ainda mantém.

Em junho de 1967, quando o Egito bloqueou o porto de Eilat, no Mar Vermelho, em Israel, os líderes árabes assumiram sua determinação de acabar com o Estado judeu. Exércitos árabes do Egito, da Jordânia e da Síria se uniram para atacar os judeus, mas Israel lançou um devastador ataque preventivo e conseguiu uma vitória milagrosa, que ninguém poderia ter previsto. Israel não apenas repeliu esses exércitos em três frentes simultaneamente, mas também triplicou sua extensão territorial no processo, tomando as Colinas de Golã da Síria, a Faixa de Gaza e a Península do Sinai do Egito e, ainda mais importante, Jerusalém e a área conhecida como Cisjordânia da Jordânia.

Isso resultou no deslocamento de outros duzentos e cinquenta mil refugiados palestinos, permitindo, enfim, que os judeus retornassem livremente para se estabelecer em Jerusalém. Para os sionistas, Jerusalém foi o grande prêmio e a resposta de mais de mil e novecentos anos de oração: "No próximo ano será em Jerusalém!".

Fronteiras problemáticas e uma paz tênue

Mas a paz no moderno Estado de Israel sempre teve vida curta. Em 1973, a Síria e o Egito lançaram um ataque surpresa contra Israel no Dia da Expiação, um Dia de Jejum anual conhecido pelos judeus como Yom Kippur, dando início a Guerra do Yom Kippur. Com um acréscimo de cem mil soldados, tropas de países árabes foram enviadas para ajudar as forças egípcias e sírias, juntamente com armas e apoio financeiro.

A própria sobrevivência de Israel estava em jogo. Suas forças conseguiram recuperar o terreno perdido nos primeiros dias e alcançaram o cessar-fogo um mês depois, porém com a perda de milhares de vidas de ambos os lados.

Em 1979, a esperança de paz tornou-se realidade na fronteira sul de Israel, quando o país chegou a um acordo com o Egito. Israel devolveu à Península do Sinai, tomada do Egito doze anos antes na Guerra dos Seis Dias, em troca da passagem de navios israelenses pelo Canal de Suez.

Nesse processo, o Egito se tornou a primeira nação árabe a reconhecer oficialmente o Estado de Israel—uma medida que foi criticada pela comunidade árabe, resultando na exclusão do Egito da Liga Árabe por dez anos. Além disso, o presidente do Egito, Anwar Sadat, foi assassinado, em 1981, pela Jihad Islâmica egípcia em represália a esse tratado, a sua tolerância ao Estado judaico e, consequentemente, por sua aparente falta de compromisso com o movimento palestino.



Theodore Herzl, ativista judeu



Lord Arthur James Balfour.



David Ben-Gurion proclamando a independência de Israel em 14 de maio de 1948.

O Líbano, ao norte de Israel, lutava com sua própria turbulência política interna, que custou centenas de milhares de vidas na Guerra Civil Libanesa de 1975 a 1990. Durante esse tempo, a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) realizou incursões e ataques contra as cidades fronteiriças do norte de Israel, levando Israel a realizar campanhas de retaliação ao Líbano em 1978 e 1979.

Uma guerra total e declarada irrompeu-se em 1982 para erradicar a OLP e pôr fim a seus constantes ataques a civis israelenses. Após a expulsão da OLP do Líbano, o grupo terrorista Hezbollah tornou-se a principal organização militante anti-israelense dentro das fronteiras do Líbano.

Ao leste, a Jordânia finalmente chegou à paz com Israel em 1994, desistindo efetivamente de reivindicar a Cisjordânia e Jerusalém, mas defendendo que essas áreas se tornassem parte de um Estado palestino separado.

Essa estratégia muito debatida, conhecida como a solução de dois Estados, busca um acordo mútuo para formar Estados judeus e árabes separados na terra de Israel, como previsto pela Resolução da ONU de 1947. Embora muitas tentativas tenham sido feitas, essas propostas foram fortemente rejeitadas por grande parte da comunidade árabe, que preferiria ver o Estado judeu erradicado em vez de coexistir com ele.

A área das colinas de Golã, situada a nordeste de Israel, tem sido um ponto de discórdia entre Israel e Síria. Antes da guerra de 1967, a Síria, então em posse da área, bombardeava repetidamente os assentamentos israelenses nas terras baixas, provocando confrontos intermitentes. Desde a conquista das Colinas de Golã, na guerra de 1967, Israel construiu sólidos assentamentos e povoou a área.

Há apenas um ano, o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu declarou: "Golã permanecerá sempre nas mãos de Israel. Israel nunca se retirará das colinas de Golã". Esse ponto de vista



Tanques israelenses avançando nas Colinas de Golan, em junho de 1967.

Quase igual à natureza milagrosa do estabelecimento e da sobrevivência de Israel, o ódio que essa nação sofre do mundo desafia as explicações racionais.



Pára-quedistas israelenses no Muro das Lamentações, Jerusalém, 7 de junho de 1967.

decidido sobre esse território disputado foi possível graças à guerra civil síria, que desviou a Síria desse assunto nos últimos sete anos, enquanto permitia que Israel concretizasse sua reivindicação à região.

Com seus vizinhos limítrofes envolvidos em questões maiores, hoje em dia, a oposição externa mais veemente e tangível à existência de Israel vem do Irã. Embora Israel e Irã não tenham declarado guerra abertamente, o Irã é um dos muitos países muçulmanos que contribuíram com tropas e recursos para os inimigos de Israel ao longo dos anos. E agora o mundo assiste apreensivo, à medida que a retórica do Irã se intensifica, enquanto seus programas nucleares e de mísseis se desenvolvem constantemente.

Ameaças externas a Israel foram mitigadas por causa de seu avanço tecnológico, sua forte aliança com os Estados Unidos e sua firme determinação em sobreviver. No entanto, a ameaça do terrorismo dentro das próprias fronteiras de Israel também desempenhou um papel significativo no desenvolvimento desta nação.

Problemas e ameaças internas

Entretanto, dois dos territórios que Israel conquistou do Egito e da Jordânia na Guerra dos Seis Dias de Guerra—Gaza e Cisjordânia—tornaram-se redutos de palestinos nacionalistas. A colonização israelense dessas áreas tem enfrentado uma forte resistência da maioria da população árabe e também a reprovação da comunidade internacional. Com milhões de árabes-palestinos vivendo dentro das fronteiras de Israel, a tensão interna no cotidiano de Israel varia numa escala de "evidente, mas estável" a "explosiva e mortal."

A palavra árabe *intifada*, que significa "revolta", descreve com precisão a onda de manifestações de protesto que eclodiram em Israel de 1987 a 1993. Provocada pela frustração com a construção de assentamentos israelenses e a constante ocupação militar de Gaza e da Cisjordânia, esse período veio a ser conhecido como a Primeira Intifada.

Muitas vezes, esses protestos levavam a ações da polícia e das forças militares israelenses que resultavam em violência e, durante esse período de seis anos, cerca de mil e seiscentos palestinos e duzentos e setenta e cinco israelenses foram mortos. Enquanto a Primeira Intifada foi caracterizada como um movimento de protesto de populares que, muitas vezes, resultava em violência, a Segunda Intifada foi marcada por ataques deliberados contra civis israelenses com intuito de ceifar vidas e espalhar o medo.

A Segunda Intifada durou do ano 2000 a 2005, com a perda da vida de cerca de três mil palestinos e mil israelenses. E começou quando o primeiro-ministro israelense, Ariel Sharon, visitou o Monte do Templo—um gesto de provocação, segundo os líderes do movimento palestino, que alegaram que Israel estava manobrando para assumir o controle do complexo de Al-Aqsa, com o intuito de fomentar a violência, incluindo uma onda mortal de atentados suicidas. (Para entender melhor, ver "O Monte do Templo de Jerusalém: O Centro do Conflito" a partir da página XX).

Atentados em cafeterias, transporte público e até danceterias tornaram-se comuns e deixaram uma marca indelével nos protocolos internos de segurança do país—resultando na restrição de locomoção de palestinos autorizados dentro de Israel, em postos de inspeção de veículos, na construção de elevados muros separando vizinhos israelenses e palestinos, e a presença quase onipresente de policiais e militares em áreas públicas. Os israelenses veem essas medidas como necessárias e justificadas—e isso acabou com a onda mortal de atentados suicidas—mas os árabes as consideram humilhantes, opressivas e racistas.

O fim da Segunda Intifada, psicologicamente devastadora, resultou em uma pequena vitória para a causa palestina: Israel expulsou todos os seus cidadãos de Gaza e demoliu os polêmicos assentamentos israelenses que ali haviam sido construídos. Mas ao invés de gerar a paz, essa retirada encorajou o Hamas, uma organização terrorista radical palestina que virou partido político, a desafiar a Autoridade Palestina—órgão administrativo formado pela OLP para governar a Cisjordânia e a Faixa de Gaza, mas sujeito à lei marcial israelense.

Após um breve e sangrento confronto, o Hamas assumiu o controle Faixa de Gaza. Em resposta aos constantes ataques com foguetes e morteiros contra assentamentos israelenses, Israel realizou duas fortes operações militares contra Gaza entre 2008 e 2014. Em 2006, em outra ofensiva com foguetes, o Hezbollah do Líbano desencadeou mais uma guerra na frente norte, mas, desde então, a situação tem permanecido relativamente calma.

A atual situação de Israel

Minha esposa e eu nos mudamos para Tel Aviv em 2015 no início da chamada Intifada das Facas ou a Onda de Terror—uma série de ataques terroristas palestinos solitários em toda Israel. Muitos fatores podem ter contribuído para a Onda de Terror, um movimento que se deu, parcialmente, em resposta às novas acusações de que Israel planejava assumir o controle do Monte do Templo.

Em várias ocasiões, nós frequentamos restaurantes onde dezenas de pessoas foram mortas ou feridas na noite seguinte, ou caminhamos em praças pacíficas da cidade onde ocorreram esfaqueamentos e atropelamentos apenas um dia antes.

Até certo ponto, a cultura israelense tornou-se dessensibilizada, embora farta dessa rotina aparentemente interminável. E, geral-

Fotos, no sentido horário desde o canto superior esquerdo: Carl Pietzner, Lawrence Alma-Tadema, Israel Government Press Office, David Rubinger, Rudi Weissenstein

mente, a vida continua, como sempre, apesar de qualquer ruptura que isso possa causar—ainda que com um esquema de segurança cada vez maior.

A esperança de uma solução por meio da criação de dois Estados está diminuindo na esfera pública, pois tanto israelenses como palestinos estão perdendo a confiança de que essa crescente discórdia entre eles possa ser resolvida. Além disso, o drama em curso sobre o Monte do Templo continua a ser um ponto nevrálgico, que suscita provocações deliberadas dos extremistas sionistas israelenses periodicamente, aumentando ainda mais as tensões entre eles. O assentamento israelense nas áreas da Cisjordânia—frequentemente contra as decisões legais e sem a permissão do governo israelense—acirra ainda mais os ânimos.

> A formação do Estado de Israel e sua persistente existência seguem de acordo com o plano de Deus.

E, enquanto as ameaças externas à segurança de Israel estão aparentemente longe, a opinião internacional sobre o Estado judeu tem mudado drasticamente desde a resolução da ONU de 1947. Nenhum outro país na Terra recebe tantas críticas, ofensas, sanções e boicotes como Israel.

Por exemplo, apesar de todas as crises humanitárias e atrocidades ditatoriais no mundo de hoje, a Assembleia Geral da ONU adotou, em 2016, vinte resoluções contra Israel e um total de apenas seis para todos os outros países juntos!

O lugar da atual Israel na profecia bíblica

Quase igual à natureza milagrosa do estabelecimento e da sobrevivência de Israel, o ódio que essa nação sofre do mundo desafia as explicações racionais. Os estudiosos da Bíblia, no entanto, reconhecem que essa atitude é o cumprimento da mesma profecia bíblica que mostra como Jerusalém se tornaria novamente um ponto focal da atenção do mundo: "Eis que porei Jerusalém como um copo de tremor para todos os povos em redor . . . farei de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos; todos os que carregarem com ela certamente serão despedaçados, e ajuntar-se-ão contra ela todas as nações da terra" (Zacarias 12:2-3).

Nossa visita ao Yad Vashem, o Museu Nacional do Holocausto de Israel, talvez tenha sido uma das experiências mais impactantes e perspicazes que eu e minha esposa compartilhamos enquanto vivemos nesse país. Depois de tantos séculos de perseguição ao povo judeu, que culminou no Holocausto, não é de admirar que atualmente os judeus considerem necessariamente o Estado de Israel como um assunto de autopreservação—um refúgio seguro para o povo judeu, onde quer que estejam. Sem dúvida, não deixa de ser horrível que as palavras de Herzl acabaram se tornando uma realidade.

Embora a visão de Herzl de um moderno Estado judeu possa ser descrita como profética, é importante entender que a posição de Israel no mundo de hoje, de fato, é um elemento e um cumprimento da profecia bíblica, confirmando a veracidade da Palavra de Deus.

Isso não quer dizer que toda ação militar de Israel seja justificada ou que seja realmente proteção e imunidade de Deus a qualquer ataque, mas, sem dúvida, Deus tem permitido e guiado os eventos mundiais de acordo com Seu grande plano. Na verdade, esse plano demonstra que o futuro reserva terríveis situações para a moderna nação de Israel e a cidade de Jerusalém.

E, ao falar do devastador e terrível tempo do fim, Jesus advertiu: "Mas quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei, então, que é chegada a sua desolação . . . Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas" (Lucas 21:20-22). A Bíblia ainda nos diz que "metade da cidade sairá para o cativeiro" (Zacarias 14:2).

Muitos veem o retorno dos judeus àquela terra no século passado como o cumprimento das promessas de Deus de um segundo êxodo para trazer os israelitas de volta à sua terra natal (ver, por exemplo, Isaías 11:11-12). No entanto, devemos entender que a presença judaica na terra de Israel hoje ainda não é a realização desse antigo sonho.

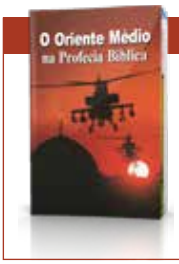
Parte dos judeus reassentados na terra continua muito longe do maravilhoso futuro que Deus declara nas passagens proféticas. Este inclui trazer de volta todas as tribos de Israel, não apenas os judeus, e fazê-los viver com segurança, a salvo de todos os inimigos. Também tem a ver com o derramamento de Seu Espírito sobre eles e conceder a todos uma profunda compreensão de Sua verdade, com o sistema de adoração restaurado em Jerusalém, e com eles sendo um exemplo a ser seguido pelo mundo.

Hoje, o povo judeu está em constante perigo, ademais eles ainda estão impedidos de adorar a Deus livremente no Monte do Templo, lamentando sua profanação pelos santuários muçulmanos. O apelo de "No próximo ano será em Jerusalém" ainda é proferido por milhões. Evidentemente, o retorno israelita está longe de ser pleno.

Obviamente, é vital que os judeus estejam presentes e controlem a Terra Santa a fim de cumprir as profecias específicas do fim dos tempos, como as do livro de Daniel que indicam a reinstituição dos sacrifícios, afirmando que estes acabarão sendo interrompidos na ocasião de uma grande invasão e tribulação. Mas, novamente, o próprio fato de que esse tempo terrível ainda está à frente mostra que as grandes promessas da restauração de Israel naquela terra em perpétua paz, prosperidade e segurança ainda não chegaram.

Felizmente, essas promessas certamente serão cumpridas. Enquanto isso, devemos observar que a formação do Estado de Israel há setenta anos e sua persistente existência está de acordo com o plano de Deus—e entender que haverá mais etapas desse plano no futuro! Devemos orar fervorosamente por essa maravilhosa era futura—quando toda a Israel florescerá e será vista como uma bênção por todo o mundo.

E enquanto contemplamos os tempos sombrios que precedem esse magnífico futuro, devemos ficar alertos e seguros da evidência da mão de Deus na história para garantir o cumprimento de Sua Palavra no futuro. ***BN***



PARA SABER MAIS

A história de Israel é um testemunho surpreendente da fidelidade de Deus às Suas promessas. Mas esta é apenas uma pequena parte da notável história do Oriente Médio e da invisível mão de Deus nos assuntos mundiais. Para saber mais, baixe ou solicite nosso guia de estudo bíblico gratuito "**O Oriente Médio na Profecia Bíblica**".

http://portugues.ucg.org/estudos

O Perene AMOR DE DEUS por Israel



Os setenta anos de existência do moderno Estado judeu são parte de uma grandiosa história —a história do amor comprometido de Deus por Seu povo como parte de um plano que culminará na oferta de salvação ao mundo inteiro. **por Darris McNeely**

Uma importante conjuntura tem sido alcançada por um país e um povo cuja própria existência Deus e a Bíblia nos dizem que é garantida. Esse país, foco contínuo da atenção mundial no Oriente Médio, é o Estado de Israel—agora comemorando seu septuagésimo aniversário. Nação composta principalmente de judeus—6,5 milhões de judeus vivem em sua terra natal e esse número é maior do que os que vivem no exterior, principalmente nos Estados Unidos. O Estado judeu e seu povo são um sinal de que Deus se importa e está envolvido na história—uma evidência da graça de Deus.

Você já se perguntou se Deus realmente se importa com a raça humana? Com todo o mal e sofrimento do mundo, podemos realmente confiar no ensinamento da Bíblia sobre um Deus justo, misericordioso e todo-poderoso?

Essas são perguntas honestas que, às vezes, vêm à mente de pessoas sinceras que querem acreditar na Bíblia e confiar em Deus. Quando olhamos o mundo e a história podemos nos decepcionar ou até mesmo duvidar. E alguns até leem a Bíblia e se perguntam por que Deus fez aquelas coisas que estão escritas nela.

Então, vamos ponderar esse amor perene de Deus por Israel.

Entendendo o mundo através do passado de Israel

Jesus Cristo disse às pessoas de Sua época que precisavam "discernir este tempo" (Lucas 12:56). Ele disse que eles eram capazes de olhar para o céu cheio de nuvens escuras e dizer: "Vem chuva", enquanto que se sopra o vento sul, dizem: "Haverá calor" (versículos 54-55, ARA). Mas essas mesmas pessoas tinham dificuldade em discernir exatamente quem Ele era e não conseguiam se comportar de acordo com a mensagem de Seu evangelho.

E você?

Você consegue discernir seu tempo, *nosso* tempo, em relação à profecia bíblica? Você consegue discernir o mundo de hoje com todos os inúmeros eventos que moldam nossas vidas? Será que entendemos por que o mundo de hoje parece estar cada vez mais fora de controle e repleto de mudanças morais, culturais e sociais?

Você pode e precisa entender os eventos mundiais de hoje. Porque a sua fé e compreensão sobre Deus depende de seu discernimento sobre esta era. Deixe-me mostrar-lhe como se concentrar em uma parte do mundo que, geralmente, estampa as manchetes.

Mais uma vez, vamos olhar para o Estado de Israel. Essa pequena nação no Oriente Médio tem um papel significativo nos assuntos mundiais. O Estado de Israel tem agora setenta anos de existência, desde que foi proclamado em 14 de maio de 1948 por David Ben-Gurion, presidente da Agência Judaica, após o pronunciamento da Resolução 181 das Nações Unidas no dia 29 de novembro de 1947 que determinou a divisão da Palestina em Estados judeus e árabes.

Durante este período de setenta anos, o Estado judeu teve que lutar muitas guerras contra seus vizinhos árabes. Constantemente, sua sobrevivência é ameaçada por grupos terroristas islâmicos hostis e implacáveis. Com o passar do tempo, as Nações Unidas chegaram a condenar regularmente a Israel por meio de resoluções em que Estados membros atacavam as políticas e as ações de Israel. Israel vive em um bairro do Oriente Médio, onde é continuamente forçada a defender sua existência para sobreviver.

No entanto, apesar de setenta anos de hostilidade, Israel desenvolveu uma sociedade forte e próspera. Seu povo contribui positivamente para melhorar a vida no mundo por meio de muitas áreas críticas, como tecnologia, medicina, educação e esforços humanitários. Então, por que Israel sempre está lutando contra ameaças? Por que deve se defender diante da corte das nações do mundo? Qual o motivo desse antagonismo e ódio?

Se quisermos entender esse paradoxo de hostilidade e bênçãos ao redor de Israel, precisamos olhar para a Bíblia e para a história. As escrituras nos dão a história dos bastidores da origem de Israel. Somente na Bíblia encontramos o propósito divino para a existência de Israel—tanto no mundo antigo quanto como uma nação moderna hoje em dia.

Uma aliança decorrente do dedicado amor de Deus

A antiga nação de Israel era composta pelos descendentes dos doze filhos de Jacó, ele mesmo filho de Isaque, que era filho de Abraão, conhecido como o pai de todas as pessoas fiéis que buscam o verdadeiro Deus Criador. Agora, qualquer homem que tenha doze filhos é uma história interessante. E Jacó não foi uma exceção. Sua vida, como revelado no livro de Gênesis, envolve todos os elementos de uma história intrigante—traição, vingança e filhos com várias esposas e concubinas. Uma trama completa que envolve o bem e o mal.

O propósito do relato da história da luta de Jacó com um Ser, que só pode ser Deus, talvez seja muito importante em tudo isso. Ao romper do dia Deus muda o nome de Jacó para Israel, que significa

Haykirdi/iStock/Getty Images

"aquele que luta com Deus" ou "príncipe que prevalece com Deus". Esse nome, Israel, também foi dado à nação que surgiu de seus doze filhos. O homem Israel termina sua vida no Egito com seus filhos e familiares depois de escapar de um grave período de fome. Os anos se passaram e os descendentes de Abraão, Isaque e Jacó saem da escravidão no Egito, sob a liderança de Moisés, num grande êxodo.

Enfim, Deus lembra-se da promessa que fez a Abraão—uma promessa de que seus descendentes seriam estrangeiros e servos em uma terra estrangeira. O cativeiro egípcio durou várias gerações até que Deus libertou os israelitas da escravidão e os trouxe de volta à terra que havia prometido aos seus antepassados, a terra hoje conhecida como Israel.

Quando Deus fez uma aliança com Abraão, Isaque e Jacó acerca de uma terra, Ele entrou em um relacionamento pactual com seus descendentes, os filhos de Israel que tinham crescido na nação de Israel. Este relacionamento pactual entre Deus e o povo, cujos termos foram acordados, é o núcleo da história do atual Estado de Israel.

Essa não é uma velha história dos tempos antigos. E não é um mito criado por tribos ignorantes que, de alguma forma, vagaram por aquela terra e deram origem a uma história épica para justificar sua presença. Deus amou esse povo. Seu desejo era dar-lhes todas as oportunidades para a paz e o sucesso, permitindo-lhes crescer e prosperar. A nação de Israel deveria se tornar um modelo para que todas as outras a imitassem e seguissem seu estilo de vida, e também para demonstrar que as leis e os juízos de Deus podem gerar uma cultura abençoada pela paz e pela prosperidade.

Observe como Deus disse isso nas Escrituras em Deuteronômio 7: "Porque tu és povo santo ao Senhor, teu Deus; o Senhor, teu Deus, te escolheu, para que lhe fosses o Seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra" (versículo 6). Os israelitas tiveram uma incrível oportunidade com Deus. Eles receberam uma terra especial para servir como um povo especial.

Veja a motivação de Deus ao escolhê-los: "O Senhor não tomou prazer em vós, nem vos escolheu, porque a vossa multidão era mais do que a de todos os outros povos, pois vós éreis menos em número do que todos os povos, mas porque o Senhor vos amava; e, para guardar o juramento que jurara a vossos pais, o Senhor vos tirou com mão forte e vos resgatou da casa da servidão" (versículos 7-8).

Deus tinha um profundo amor espiritual pela nação de Israel. Esse amor, repito, é a cerne dessa história. Deus prometeu a Abraão que sua família se tornaria uma nação e herdaria promessas que durariam por gerações, muito além de seu dia e do mundo moderno. Observe o que Deus disse a seguir:

"Saberás, pois, que o Senhor, teu Deus, é Deus, o Deus fiel, que guarda o concerto e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e guardam os seus mandamentos" (versículo 9).

Deus é *fiel*. Ele mantém Seus acordos por mil gerações. Aqui está uma chave para entender por que o moderno Estado de Israel fica no mesmo ponto geográfico que a antiga Israel. O Estado judeu é uma continuação do povo com quem Deus fez uma aliança há muito tempo.

Havia várias alianças envolvidas nesse relacionamento, incluindo a anterior com Abraão. A aliança de Deus com Israel no Monte Sinai, onde a nação concordou em ser Seu povo e aceitar os termos de obediência às Suas leis, foi um acordo matrimonial, o qual tinha Deus como Marido (comparar Jeremias 31:32). E Deus fez outra aliança com os israelitas antes de entrar em Canaã, em Deuteronômio 29-30, com respeito à habitação naquela terra—incluía invasão, destruição e expulsão da terra por desobediência, e, no futuro, trazer o povo de volta através do arrependimento.

Isso é algo que você não lê nos livros de história. Mas esse relacionamento especial de alianças, promessas e profecias de Deus sobre Seu povo e a Terra Prometida é o núcleo do entendimento sobre a importância do atual Estado de Israel após setenta anos de sobrevivência e controvérsias sobre Jerusalém, sua capital.

Uma história de amor que deu errado—mas que ainda vai dar certo

Deixe-me levá-lo a uma passagem muito profunda da Bíblia. Ela revela o profundo amor e paixão que Deus tem por Israel. Este amor começou há milhares de anos e continua até hoje. Embora seja uma história de amor entre Deus e um povo em particular, ela também diz respeito a todos os povos e nações. E também é um sinal de que Deus é fiel a todas as Suas promessas para a humanidade.

Esta narrativa encontra-se em Ezequiel 16, onde Deus fala, através de Seu profeta, a Jerusalém, o coração da nação. "No dia em que nasceste, não te foi cortado o umbigo, nem foste lavada com água . . . nem envolta em faixas. Não se compadeceu de ti olho algum, para te fazer alguma destas coisas, compadecido de ti; antes, foste lançada em pleno campo . . ." (versículos 4-5).

Lembre-se de que Abraão, Isaque e Jacó eram errantes, sem lar permanente. Quando a esposa de Abraão, Sara, morreu, ele teve que comprar de seus vizinhos um local para o sepultamento. Jacó levou sua família para o Egito em busca de comida para sobreviver, e seus descendentes se tornaram escravos fazendo tijolos de barro para o faraó. Ninguém a não ser Deus estava procurando pelos filhos de Israel.

Então Deus disse: "E, passando Eu por ti, vi-te manchada do teu sangue e disse-te . . . vive . . . Eu te fiz multiplicar como o renovo do campo, e cresceste, e te engrandeceste, e alcançaste grande formosura . . ." (versículos 6-7). "Mas", Ele disse ainda, "estavas nua e descoberta" (versículo 7).

Deus libertou os israelitas da escravidão egípcia e os trouxe para a terra prometida a Abraão, Isaque e Jacó. Depois de muitos anos como uma pequena confederação de tribos, aquela nova nação tornou-se uma grande potência liderada por seu grande rei Davi e o seu filho Salomão. A localização de Israel permitiu equilibrar o poder, impedindo o domínio da região pelo Egito, Assíria e Midia.

A transformação que Deus fez a Israel é descrita nestes termos: "Você já era moça feita, pronta para o casamento . . . Fiz um trato com você; jurei ser Seu marido . . . Dei a você belas roupas bordadas, de linho e de seda . . . Também lhe dei joias para enfeitar ainda mais sua beleza, pulseiras para as mãos e colares para o pescoço, brincos para o nariz e as orelhas, e uma linda coroa para sua cabeça . . . Assim, você foi enfeitada com ouro e prata . . . Ficou famosa entre as outras nações" (versículos 8-14, Bíblia Viva).

Mas isso não durou muito tempo. Israel não cumpriu sua parte do acordo. Não guardou as leis de Deus. As pessoas adotaram as formas pagãs de adoração das nações vizinhas e, enfim, abandonam a Deus, a verdadeira e única fonte de sua riqueza, segurança e posição entre as nações.

Deus descreve isso como adultério—uma relação imoral, infiel e

extraconjugal—e até mesmo como prostituição.

Ele afirma: "Mas você confiou demais em sua beleza—achou que não precisava mais de Mim. Acabou se transformando numa prostituta, entregando-se a qualquer um que passasse perto de você" (versículo 15, Bíblia Viva).

Deus disse que eles levaram as roupas e a boa comida que Ele havia dado—riqueza, prosperidade e status como uma nação poderosa—e as usaram para adoração idólatra e estranha: "Até isso você ofereceu aos seus 'deuses', como um sacrifício de amor!" (versículo 19, Bíblia Viva).

Israel, a noiva infiel de Deus era tão depravada que, em vez de receber dos estranhos para ter relações sexuais, como qualquer prostituta, ela é quem pagava por isso (versículos 31-34). Toda e qualquer regra foi virada ao avesso!

Essa passagem gráfica das Escrituras, com suas belas imagens declinando ao horror, mostra a profundidade do sentimento de Deus pela nação que Ele criou do nada e a tornou Sua própria nação modelo para todas as outras nações. A história de Israel não terminou bem. Deus trouxe outras nações poderosas, como os assírios e babilônios, contra o seu povo para destruí-los e removê-los da terra.

No entanto, apesar de toda a infidelidade, a idolatria e um derradeiro declínio, Deus sempre manteve a esperança com base em Seu amor perene pelo povo que uma vez recebeu tamanha promessa.

Deus disse a Israel: "Mas Eu me lembrarei das promessas que fiz a você, quando ainda era uma nação jovem. Farei um novo trato com você, um trato que vai durar para sempre" (versículo 60, Bíblia Viva). Então, Israel seria perdoada e transformada: "Você se lembrará com vergonha de seus antigos pecados, e isso acabará com seu orgulho, quando Eu tiver perdoado o mal que você fez contra Mim" (versículo 63, Bíblia Viva).

Essa fase final de uma nova aliança eterna com Israel ainda não aconteceu. A Igreja de Deus, como a Israel espiritual, é uma precursora desse novo relacionamento, cuja plenitude não ocorrerá até que Jesus Cristo retorne à Terra e estabeleça o Reino de Deus, o qual vai durar para sempre. Naquela época, toda a Israel será trazida para esse relacionamento, e os israelitas ao redor do mundo voltarão à mesma terra. Então, Jesus Cristo sendo o Rei dos Reis e Senhor dos Senhores sobre toda a Terra, todas as nações serão levadas a fazer parte dessa aliança de Deus com Israel.

Judá é apenas uma parte de Israel—e um testemunho evidente

Vamos fazer uma pausa para analisar um pequeno componente desse quebra-cabeça histórico. O moderno Estado judeu tem o antigo nome de Israel, mas na realidade ele representa apenas uma pequena parte de todo o povo de Israel, cujos ancestrais viviam na terra e a quem são direcionadas muitas das profecias bíblicas.

Como vimos, na Bíblia a nação de Israel se refere às doze tribos que saíram do Egito sob o comando de Moisés na história do êxodo. Essas doze tribos eram descendentes dos doze filhos do patriarca Jacó, cujo nome Deus mudou para Israel.

Mas aqui está o que você deve entender neste momento. Um desses filhos foi chamado Judá. Seus descendentes eram *judaí*tas, mais tarde, ao passar por outras línguas, esse nome resultou no termo *judeus*. O rei Davi, que era da tribo de Judá, acabou governando todas as doze tribos—como também seu filho Salomão.

Mas, depois de Salomão, a nação foi dividida em dois reinos—o reino de Israel, ao norte, composto por dez tribos, e o reino de Judá, ao sul, composto pelas tribos de Judá e Benjamim e grande parte da tribo de Levi, bem como alguns de outras tribos que acabaram se mudando para o sul. As pessoas desse reino do sul vieram a ser conhecidas como judaítas ou judeus.

Isso significa que os judeus, o povo de Judá, é composto de apenas uma parte da grande nação de Israel. Então, você não precisa ser etnicamente judeu para ser um israelita!

Mas como os judeus se tornaram tão proeminentes? Por que as pessoas, hoje em dia, costumam pensar que somente os judeus são israelitas? É uma boa pergunta e a Bíblia nos dá a resposta.

O nortenho reino de Israel existiu por cerca de duzentos anos após a morte de Salomão antes de ser conquistado pelo Império Assírio. Os israelitas do norte foram exilados da terra e dispersos à força. Eles são conhecidos na história como as dez tribos perdidas de Israel. Mas, na verdade, eles não estão perdidos, embora tenham esquecido sua identidade.

Deus havia dito que seriam peneirados como grãos entre as nações, mas sem que o menor grão caísse no chão (Amós 9:9). E, de fato, comparando a história e a profecia, conseguimos identificar as nações descendentes das tribos do norte de Israel na atualidade (leia nosso guia de estudo bíblico gratuito *Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica* para saber mais).

O sulino reino de Judá sobreviveu mais tempo do que Israel, mas, por fim, também caiu—neste caso, conquistado pelo Império Babilônico. A maioria do povo do antigo Estado judeu foi levada para a Babilônia. Setenta anos depois, após a Pérsia tomar o poder da Babilônia, um grupo de judeus, cumprindo uma profecia de Jeremias, retornou a Jerusalém, logo outros também iriam, e a cidade de Jerusalém e seu templo foram reconstruídos.

Então, uma nação judaica, parcialmente restaurada, passou a existir em Jerusalém com sua cultura distinta até a época de Jesus e da Igreja do Novo Testamento, quando o Império Romano governou a quela terra.

Por conseguinte, cerca de quarenta anos depois de rejeitar a Jesus, a nação judaica entrou em colapso, no ano 70 d.C., pelas mãos dos romanos, que destruíram Jerusalém e seu templo após uma rebelião dos judeus. E, em 135 d.C, os romanos também impediram outra revolta judaica. Muitos judeus foram dispersos por causa dos romanos, juntando-se à diáspora judaica (ou dispersão entre as nações), a qual existia desde os tempos babilônicos. Os descendentes dos judeus dispersos fundaram o atual Estado de Israel em 1948.

A existência do moderno Estado de Israel é necessária para se cumprir certas profecias do fim dos tempos e também para garantir à humanidade a fidelidade contínua de Deus. E como Ele continua comprometido com o Seu povo, podemos também confiar que Suas promessas a todas as nações e povos são seguras. De fato, Israel é um fator chave nisso tudo.

A promessa que Deus fez a Abraão, a Isaque e a Jacó envolve promessas físicas e espirituais. Essas promessas serão derramadas sobre todas as nações—inclusive sobre você e sobre mim.

Hoje em dia, entender a existência do Estado de Israel é compreender a Deus e sua linha do tempo profética. A constante oposição da maioria das nações do mundo de hoje a Israel, muitas até com um ódio ferrenho, é uma prova tangível de que Deus retirou o

entendimento da humanidade. Mas a graça e o amor duradouro de Deus transcendem essa condição corrupta, a qual chegará ao fim. Sua Bíblia mostra que as promessas espirituais de Deus serão dadas a todos. A paz, a restauração e a vida eterna são a esperança de todas as nações!

O povo de Deus não foi rejeitado—ainda será uma bênção para todos

No livro de Romanos, o apóstolo Paulo conta a história da ascensão, da queda e da esperança de restauração da antiga Israel. Os israelitas tinham um relacionamento profundo com Deus. Eles tiveram a oportunidade de se tornar uma nação fundamentada na lei de Deus e em Sua glória. Deus fez promessas especiais ao povo de Israel, separando-o de outras nações e prometendo-lhe proteção e prosperidade. Todas as bênçãos físicas prometidas por Deus eram tipos minúsculos das grandiosas bênçãos espirituais contidas em Jesus Cristo, um descendente direto do rei Davi.

Mas a antiga Israel falhou. Como vimos anteriormente, eles se separaram e, por meio de uma combinação de idolatria e transgressão do sábado, desonraram e desobedeceram a Deus—resultando em seu cativeiro e exílio. A maioria do povo de Israel, exceto os judeus, esqueceu-se de sua identidade. E os judeus não fizeram o que deveriam fazer.

O desejo de Paulo, em sua oração por Israel, seu povo, era que eles fossem salvos (Romanos 10:1). Mesmo se eles não obedecessem ao evangelho (versículo 16), sua rejeição não seria total ou permanente, como Paulo deixa claro em Romanos 11. Deus não rejeitou Israel. Por meio de Paulo, Deus revela que há um remanescente de Israel entre as nações de hoje e, por Sua graça, eles serão reunidos.

Mas aqui está a surpreendente e pouco compreendida verdade: A rejeição de Deus por Israel trabalha para a glória e propósito de Deus! Todas as outras nações e povos, que a Bíblia chama de gentios, podem ter este mesmo relacionamento com Deus, baseado em Suas promessas eternas. No tempo determinado por Deus, todos terão a oportunidade de conhecê-Lo. Porque Deus ama não apenas o povo de Israel, mas também o mundo inteiro, pelo qual Ele entregou Seu Filho para morrer (João 3:16).

O apóstolo Paulo diz que a cegueira atingiu Israel até chegar a plenitude dos gentios. Em uma magnífica obra escrita, Paulo se encontra inspirado para mostrar que Israel, isto é todas as doze tribos, e o mundo inteiro terão a oportunidade de salvação. Todas as nações terão a oportunidade de receber todas as promessas de Deus, tanto físicas como espirituais.

Observe a pergunta de Paulo em Romanos 11:1-2: "Porventura, rejeitou Deus o Seu povo?" Ele então responde: "De modo nenhum! Porque também eu sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim. Deus não rejeitou o Seu povo, que antes conheceu". Deus usou israelitas físicos como Paulo para lançar os alicerces da Igreja Cristã. O próprio Jesus era judeu!

Paulo prossegue explicando que, por causa da incredulidade que os levou a pecar, os primeiros israelitas físicos foram impedidos de fazer parte da Israel espiritual—o povo da aliança de Deus—mas estes serão reunidos a Israel espiritual quando se arrependerem, tal como os gentios.

Nos versículos 11-15, Paulo diz que por causa dos descendentes dos israelitas físicos estarem cortados neste tempo, a salvação está disponível ao mundo. Os gentios, portanto, têm um lugar na verdadeira e atual Israel espiritual de Deus. Adicionalmente Paulo explica que Deus não acabou Seu trabalho com os descendentes físicos de Israel. Eles serão trazidos de volta para a graça de Deus e ainda servirão como a nação modelo para todos os povos, que é o propósito a que foram destinados. Isso acontecerá durante o vindouro reinado de Cristo na Terra. Então todos terão a oportunidade de serem salvos, e todas as tribos de Israel reunidas (não apenas os judeus) serão usadas, de forma poderosa, nessa "reconciliação do mundo" inteiro (versículo 15).

Então toda a humanidade buscará ao Senhor. De fato, "naquele dia, sucederá que pegarão dez homens, de todas as línguas das nações, pegarão, sim, na orla da veste de um judeu, dizendo: Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco" (Zacarias 8:23). Todas as nações virão a Jerusalém e aprenderão os caminhos de Deus. Jerusalém, a capital do moderno Estado de Israel, um dia se tornará a capital do mundo inteiro sob o governo de Deus (ver Jeremias 3:17).

Por isso Israel é importante. Não apenas o atual Estado judeu do Oriente Médio. Mas todas as tribos de Israel são importantes para Deus. E também todas as nações do mundo são importantes para Deus—mas todas elas devem se tornar parte de Israel espiritual para serem salvas e viverem para sempre como a família, a nação, e o Reino de Deus.

E numa erupção final de euforia e inspiração, Paulo exclama: "Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os Seus juízos, e quão inescrutáveis, os Seus caminhos!" (Romanos 11:33).

A compreensão da identidade e do papel de Israel é a chave para entender o mundo de hoje e a marcha da história em direção ao Reino de Deus. O entendimento sobre Israel nos mostra as duradouras promessas da salvação de Deus para todas as nações. Por ser fiel em seu compromisso com Israel, Ele também será fiel em Suas promessas, através de Cristo, a todas as pessoas—inclusive a você e a mim—pois, todas vão ter a oportunidade de participar na Sua nação da aliança. Essa grande história de amor envolve o amor de Deus por todas as pessoas. Essas são as *boas novas* do evangelho!

Finalmente, deixe-me repetir que entender Israel é entender a Deus e a sua linha do tempo profética. A existência do Estado de Israel, apesar de todas as improbabilidades, é um sinal de que Deus controla o destino de todas as nações. E é a prova de que Deus vigia a história e está guiando nosso mundo com todos os seus habitantes para o Seu propósito final. Deus vigia as nações. O Estado de Israel é uma prova viva disso!

Em geral, o mundo continuará planejando atacar Israel e o povo judeu. Mas eles sobreviverão e completarão seu propósito ordenado por Deus. Lembre-se disso quando leia as manchetes diárias! ***BN***



PARA SABER MAIS

Como vão se cumprir as incríveis profecias bíblicas de um mundo transformado? Como as nações vão aprender a viver em paz e receber as grandes bênçãos prometidas por Deus? Você precisa saber! Baixe ou solicite nosso guia de estudo bíblico gratuito "**O Evangelho do Reino de Deus**".

http://portugues.ucg.org/estudos



O MONTE DO TEMPLO EM JERUSALÉM: O CENTRO DO CONFLITO

Durante séculos, Jerusalém tem sido um núcleo de conflitos. O que há por trás disso tudo? Será que isso vai acabar um dia? Acredite ou não, sua Bíblia prediz um final feliz e glorioso para tudo isso!

por Scott Ashley

Nenhum lugar na terra tem sido tão contencioso quanto a terra de Israel. E nenhuma cidade na terra tem sido tão contenciosa quanto a capital de Israel, Jerusalém. E nenhuma parte de Jerusalém tem sido tão controversa quanto o Monte do Templo, há muito tempo um centro de conflito e polêmica.

Por que o Monte do Templo, uma grande colina reformada em uma plataforma de pedra de 15 hectares que domina a paisagem de Jerusalém, tem sido uma fonte de conflito?

A resposta vai depender a quem se dirige a pergunta.

Para os cristãos, o Monte do Templo é um lembrete vívido do ministério de Jesus Cristo e dos muitos incidentes registrados nos Evangelhos que ocorreram no enorme complexo do templo construído por Herodes, o Grande, e seus sucessores.

Para os muçulmanos, o Monte do Templo é *al-Haram ash-Sharif*, "o Nobre Santuário", local onde o fundador do Islã, Maomé, supostamente atrelou seu cavalo alado, Buraq, durante sua viagem milagrosa de uma noite de Meca a Jerusalém e, acompanhado pelo anjo Gabriel, subiu ao trono celestial de Alá.

Para os judeus, o Monte do Templo abrange o local mais sagrado da Terra—o cume do Monte Moriá, onde Abraão foi poupado de sacrificar Isaque, onde o rei Salomão construiu o maravilhoso primeiro templo (destruído pelos invasores babilônicos por volta de 587 a.C.), local do templo reconstruído por Zorobabel após o retorno dos judeus do exílio na Babilônia, local do magnífico templo de Herodes, o Grande, construído nos anos antes e depois da era comum (destruído pelas legiões romanas em 70 d.C.), e a localização de um futuro templo do qual o Messias reinará sobre toda a Terra.

Três religiões, com três reivindicações concorrentes e sobrepostas—essa é uma receita para séculos de conflitos.

A negação muçulmana da existência de um templo judaico em Jerusalém

Recentemente, o Monte do Templo tem sido notícia devido a alegações muçulmanas sobre sua história. No início deste ano, Mahmoud Abbas, presidente da Autoridade Palestina, dirigiu-se ao Conselho Geral Palestino. Em um chocante discurso antissemita de duas horas, e totalmente ignorado pela mídia ocidental, Abbas condenou Israel como "um empreendimento colonial que nada tem a ver com o judaísmo". E sobre a história de Israel, ele afirmou: "tudo foi inventado".

Essas são declarações curiosas de um homem com PhD em história—até percebermos que seu PhD foi dado por um colégio soviético de Moscou e sua dissertação foi sobre a negação do Holocausto.

Esta não é a primeira vez que Abbas faz esse tipo de declaração. Em discursos anteriores, ele disse que os judeus "afirmam que há dois mil anos eles tinham um templo", mas "eu os desafio a confirmar isso".

Ele também argumentou que os israelenses "tentam mudar os fatos do cenário de Jerusalém em todos os detalhes, e substituí-lo por um cenário diferente, cujo propósito é servir aos mitos delirantes e à arrogância do poder. Eles imaginam isso . . . eles podem inventar uma história [judaica], estabelecer reivindicações e apagar sólidos fatos históricos e religiosos".

Comentários similares têm sido repetidos por outros líderes políticos, religiosos árabes e personagens da mídia. Em um programa de TV da Autoridade Palestina, em agosto de 2015, um narrador declarou aos telespectadores:

"A história do Templo [de Jerusalém] não é nada além de uma coleção de lendas e mitos por razões políticas. [Os judeus] têm... usado mitos a serviço de seus objetivos declarados de ocupação e imperialismo. No espírito das ilusões e lendas, eles tentam se livrar da Al-Aqsa [a mesquita perto da Cúpula da Rocha] e estabelecer seu chamado 'Templo'—o maior crime e falsificação da história".

Tayseer Tamimi, a principal autoridade religiosa da Autoridade Palestina, fez várias alegações absurdas sobre as supostas tentativas

Scott Ashley

dos judeus de destruir a Mesquita Al-Aqsa e a Cúpula da Rocha. Alguns anos atrás, em resposta às escavações arqueológicas israelenses perto do Monte do Templo, Tamimi, de maneira ridícula, acusava: "O objetivo das escavações é destruir a Mesquita Al-Aqsa. De fato, suas fundações foram removidas. Ácidos químicos foram injetados nas rochas para dissolvê-las. O solo e os pilares foram movidos para que a mesquita ficasse suspensa no ar. Existe um plano israelense para destruir a mesquita de Al-Aqsa e construir o templo".



Apesar das constantes negações dos muçulmanos sobre o templo judaico em Jerusalém, o livro sagrado do Islã, o Alcorão, menciona justamente um templo para o qual Maomé teria viajado.

Essa espécie de teoria de conspiração e raciocínio torcido é muito comum no mundo árabe. Entre as negações de que os judeus viveram em Jerusalém ou que ali construíram um templo, algumas autoridades palestinas argumentaram que o templo no Monte do Templo foi originalmente construído pelos cananeus (que precederam a presença dos israelitas na terra), e em uma ideia romanesca, alguns afirmaram que o templo foi construído pelo primeiro homem, Adão—com a alegação de que, como primeiro muçulmano, ele construiu uma mesquita em vez de um templo.

Antigos escritos muçulmanos confirmam o templo de Jerusalém

Hoje em dia, quando os muçulmanos tentam negar o templo judaico e a presença de judeus em Jerusalém, eles não estão reescrevendo a história—eles estão negando as evidências do reconhecimento desses fatos pelos próprios muçulmanos.

Por exemplo, em 1924, o Conselho Supremo Muçulmano, órgão regulador dos assuntos muçulmanos em Jerusalém, durante o Mandato Britânico da Palestina, publicou um guia turístico em inglês para o Monte do Templo intitulado *Um Guia Breve para al-Haram al-Sharif* (este era o nome muçulmano comum na época). Este guia, assim como edições posteriores publicadas nos anos 1950, afirmava claramente:

"O local é um dos mais antigos do mundo. Sua santidade data dos primeiros tempos. *Sua identidade com o local do Templo de Salomão é indiscutível*. Este também é o local, *de acordo com a crença universal*, em que *Davi construiu ali um altar ao Senhor e ofereceu holocaustos e ofertas pacíficas*" (grifo nosso).

Atualmente, quando os muçulmanos negam a existência de um templo judeu em Jerusalém, na verdade, eles estão negando até mesmo seu próprio livro sagrado, o Alcorão, que na Sura 17:7 refere-se ao "templo em Jerusalém" (versão Sahih Internacional) para o qual Maomé, milagrosamente, empreendeu sua jornada noturna.

Mais tarde, tradutores e comentaristas muçulmanos afirmaram que o lugar para o qual ele supostamente foi—*Al Masjid al-Aqsa*, que significa "o templo mais distante" ou "a mesquita mais distante"—efere-se à Mesquita Al-Aqsa em Jerusalém e não ao templo. Mas há um grande problema nessa afirmação: Os árabes só conquistaram Jerusalém e *construiriam a mesquita quase um século depois da morte de Maomé*! O único "templo em Jerusalém" a que o Alcorão poderia estar se referindo é o Templo Judaico no Monte do Templo!

Os primeiros escritos muçulmanos datam do sétimo e oitavo séculos d.C. e uma inscrição datada de cerca do ano 1000 d.C. referem-se a muçulmanos adorando no Domo da Rocha e em "Bayt al-Maqdis", uma transliteração árabe do termo hebraico bíblico "Beit HaMikdash"—literalmente "Casa do Santuário", um nome hebraico comum para o templo de Jerusalém. Os escritos muçulmanos referem-se a este e ao Domo da Rocha como sendo o mesmo local.

Vimos a partir desses exemplos que, até recentemente, os muçulmanos reconheciam abertamente a existência de um templo judaico no Monte do Templo. Então, por que isso mudou?

A atual controvérsia sobre o Monte do Templo

Enquanto Jerusalém estava sob o domínio muçulmano e não havia Estado de Israel para competir pelo seu controle, o Monte do Templo não era um problema. Os muçulmanos simplesmente mantinham judeus e cristãos longe do Monte do Templo, e isso era tudo.

Mas a situação mudou há setenta anos, com o estabelecimento do Estado de Israel em 1948 e os sangrentos combates em Jerusalém, nos quais áreas judaicas da cidade foram invadidas por tropas jordanianas. Como resultado, as sinagogas judaicas foram destruídas, as propriedades dos judeus foram confiscadas e as sepulturas judaicas foram profanadas. Algumas partes da cidade se tornaram "terra de ninguém", onde os desavisados podiam ser baleados por atiradores de elite.

Esta situação perigosa continuou até 1967, quando, na Guerra dos Seis Dias, as tropas israelenses conquistaram toda a cidade e expulsaram os jordanianos. O prêmio era o Monte do Templo, que ficou sob o controle do povo judeu pela primeira vez desde que o haviam perdido para os romanos na batalha por Jerusalém no ano 70 d.C., há dezenove séculos.

Mas para não inflamar ainda mais a ira muçulmana contra o minúsculo e ainda frágil Estado judeu, o que poderia levar a outra guerra, o comandante israelense Moshe Dayan deixou o controle do Monte do Templo para o *Waqf*, a autoridade religiosa muçulmana jordaniana que administrava o Monte do Templo. Mas com a principal condição de que os fiéis de todas as religiões—muçulmanos, cristãos e judeus—tivessem acesso ao Monte do Templo.

Essa situação precária levou a mais de cinquenta anos de tensão e derramamento de sangue.

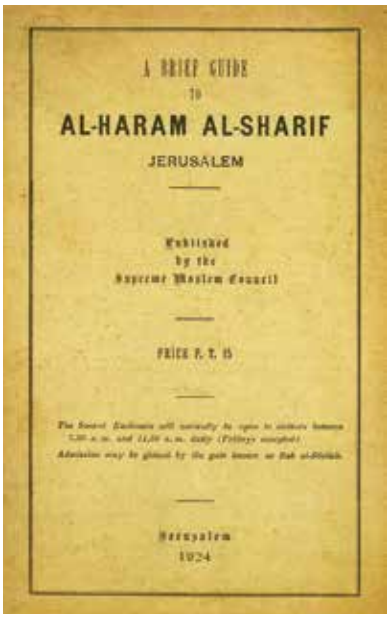
Uma pedra pesada para todas as nações

Por que grande parte do mundo muçulmano reagiu com tanta fúria quando Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, anunciou há

Jasminko Ibrakovic/123RF

alguns meses que em breve seu país iria mudar sua embaixada em Israel de Tel Aviv para Jerusalém?

Por que seis Estados árabes, agindo em nome da Autoridade Palestina, convenceram a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) a designar a tumba de Raquel (esposa de Isaque e uma das matriarcas de Israel), perto de Belém, e a Caverna dos patriarcas em Hebrom (sepulturas dos patriarcas e matriarcas hebreus Abraão e Sara, Isaque e Rebeca, Jacó e Lia, e que se encontra sob uma gigantesca estrutura de pedra construída por Herodes, o Grande) como área muçulmana em outubro de 2015?


A BRIEF GUIDE
TO
AL-HARAM AL-SHARIF
JERUSALEM
Published
by the
Supreme Moslem Council
PRICE P. T. 15
Jerusalem
1924

Um guia muçulmano do Monte do Templo, publicado de 1924 até a década de 1950, reconhecia abertamente que o Monte do Templo era o local do templo construído pelo rei Salomão, conforme registrado na Bíblia.

Por que essa mesma resolução condenou as escavações arqueológicas israelenses em Jerusalém—e, particularmente, em qualquer parte do Monte do Templo—ignorando a *atual* destruição de evidências islâmicas da presença de judeus e de um templo no Monte do Templo?

Por que as cartas da Organização de Libertação da Palestina e do Hamas, os principais grupos que governam Gaza e Cisjordânia, exigem a extinção do Estado de Israel pela força e a tomada de todas as suas terras pelos árabes?

Por que, como observado anteriormente neste artigo, os líderes e representantes palestinos negam qualquer presença judaica ou o templo judaico no Monte do Templo ou até mesmo em Jerusalém?

Tudo isso está arraigado na visão de mundo dos estudiosos e líderes islâmicos de que o mundo está dividido em duas esferas—*dar al-Islam*, que significa "o domínio do Islã" (onde o islamismo é dominante) e *dar al-harb*, que significa "o domínio da guerra". De acordo com essa visão de mundo, é considerada uma abominação para a terra que o *dar al-Islam*, parte da terra do Islã, conquistada pelo *dar al-harb*, volte a ficar sob o controle de não muçulmanos ou judeus.

Esta é uma das principais razões pelas quais os muçulmanos estão determinados a trazer o território de Israel de volta ao domínio muçulmano. Os leitores experientes devem se lembrar de que a Organização de Libertação da Palestina foi fundada em 1964, *três anos antes* de Israel conquistar a Cisjordânia, Gaza e Jerusalém na Guerra dos Seis Dias, em 1967—então, a determinação muçulmana de "libertar" a terra dos israelenses e devolvê-la ao controle árabe vem de muito tempo e antecede a posse dessas áreas por Israel.

Isso também explica por que os líderes muçulmanos durante anos se gabaram abertamente de seu objetivo de libertar a terra de Israel "*de mar a mar*"—do Mar Morto ao Mar Mediterrâneo, *ou seja, toda a Israel*.

Considerando essas profundas hostilidades, não é de admirar que Deus profetizasse sobre o tempo do fim: "E acontecerá, naquele dia, que farei de Jerusalém *uma pedra pesada para todos os povos; todos os que carregarem com ela certamente serão despedaçados, e ajuntar-se-ão contra ela todas as nações da terra*" (Zacarias 12:3).

Jerusalém rodeada de exércitos

Apenas alguns dias antes de Sua morte e ressurreição, Jesus entregou uma notável profecia a Seus discípulos enquanto estava no Monte das Oliveiras, que tem vista para Jerusalém. Além de predizer a destruição do templo com seus vastos e complexos pátios, colunatas, edifícios de armazenamento e outras estruturas, Ele também falou de horríveis eventos que vão se desenrolar no tempo do fim.

Ele advertiu: "Mas, quando virdes Jerusalém *cercada de exércitos*, *sabei, então, que é chegada a sua desolação* . . . Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas" (Lucas 21:20-22). Ele passou a descrever muitos eventos aterrorizantes, incluindo guerra devastadora e desastres de vários tipos que precederiam Sua segunda vinda.

E, sem dúvida, Jerusalém e Israel serão afetados poderosamente por esses eventos. As mentiras, o ódio e o engano espiritual acumulado ao longo dos séculos chegarão a um ápice no tempo do fim, trazendo morte e destruição, será algo diferente de tudo que o mundo já viu—chegando ao ponto da *quase extinção humana* se não houvesse a intervenção direta de Deus (Mateus 24:21-22).

Mas Jesus terminou Sua profecia com palavras de esperança: "*E, então, verão vir o Filho do Homem numa nuvem, com poder e grande glória*. Ora, quando essas coisas começarem a acontecer, *olhai para cima e levantai a vossa cabeça, porque a vossa redenção está próxima*" (Lucas 21:27-28).

O mundo resgatado por uma fonte inesperada

O livro bíblico de Zacarias contém uma impressionante profecia sobre o que acontece a seguir: "Eis que vem o dia do Senhor . . . Porque Eu ajuntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém . . . *E o Senhor sairá e pelejará contra estas nações*, como pelejou no dia da batalha. E, naquele dia, estarão os *Seus pés sobre o monte das Oliveiras*, que está defronte de Jerusalém para o oriente" (Zacarias 14:1-4).

Séculos atrás, os muçulmanos tomaram conhecimento dessa profecia e esta outra correspondente em Malaquias 3:1, que diz: "Virá ao seu templo o Senhor". Determinados a não deixar isso acontecer, eles bloquearam o portão do muro da cidade, ao lado do Monte das Oliveiras, e abriram um enorme cemitério muçulmano ao longo de todo o muro da cidade. Sabendo que o Messias também seria um sacerdote, eles tornariam impossível que Ele entrasse na cidade, porque caminhar por um cemitério faria com que ficasse impuro e incapaz de servir como sacerdote.

Aparentemente, eles O subestimaram, pois Zacarias continua e nos diz: "*O Senhor será Rei em toda a Terra*. Naquele dia haverá apenas um Senhor—somente o Seu nome será adorado" (Zacarias 14:9, Bíblia Viva).

Uma vez que Ele acabe com toda rebelião e oposição (versículos

Israel Government Press Office

12-14), "acontecerá que, todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém, *subirão de ano em ano para adorar o Rei*, o Senhor dos Exércitos, e para celebrarem a festa dos tabernáculos" (versículo 16, ACF).

Miquéias 4:2-3 prossegue explicando como Jerusalém cumprirá seu destino como capital de um mundo transformado sob o justo governo do Rei dos Reis, Jesus Cristo:

"E irão muitas nações, e dirão: *Vinde, e subamos ao monte do Senhor, e casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor*. E julgará entre muitos povos, e castigará nações poderosas e longínquas, e converterão as suas espadas em pás, e as suas lanças em foices; *uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra*".

Isaías 11:9 predisse como essa cidade conturbada, apesar de seu nome denotar paz, finalmente alcançará a paz tão ansiada e desejada: "*Não se fará mal nem dano algum em todo o monte da Minha santidade, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar*".

Em um mundo que, enfim, vai conhecer o verdadeiro Deus e entender seu caminho de vida e experimentar as bênçãos trazidas por ele, a paz se tornará algo novo e normal. As bênçãos fluirão para o mundo inteiro! (Para saber mais, baixe ou solicite nosso guia de estudo bíblico gratuito *O Evangelho do Reino* e *Estamos Vivendo No Tempo do Fim?*).

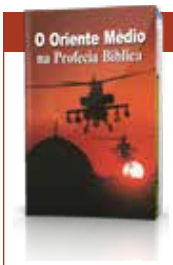
Orar pela paz de Jerusalém

Você gostaria de fazer parte deste incrível futuro? Você gostaria de compartilhar esse magnífico futuro do mundo de amanhã? Você pode! Deus está chamando-lhe agora para que entregue sua vida a Ele—por meio do *arrependimento* bíblico. Isso significa abandonar o seu jeito de fazer as coisas e voltar-se para Deus e para Seus caminhos. Também significa buscar primeiro o Seu Reino e a Sua justiça em sua vida (Mateus 6:33).

Você pode começar a fazer isso agora com o que está aprendendo nas páginas de *A Boa Nova*!

Em Salmos 122:6, o rei Davi de Israel nos diz: "*Orai pela paz de Jerusalém*". Todas as vezes que visitei Jerusalém, eu levei essas palavras de Davi no coração. Eu passava pelo meio da multidão, indo em direção ao Muro das Lamentações, e parava diante daquele muro que testemunhou tanto tempo de lágrimas, esperança e tristeza, inclinava minha cabeça e pedia a Deus para enviar logo o Seu Reino para que Sua amada cidade pudesse finalmente experimentar a paz duradoura que ainda não viu.

"*Orai pela paz de Jerusalém*". Lembre-se das palavras de Davi. Espero que possamos orar pela paz de Jerusalém, que ocorrerá com a vinda do Reino de Deus, e orar para que isso aconteça logo! ***BN***



PARA SABER MAIS

Jerusalém tem uma longa e conturbada história — muito parecida com a do restante dessa região profundamente problemática. Mas isso não será sempre assim. Entenda as raízes desses problemas — e a solução que Deus tem preparada — em nosso guia de estudo bíblico gratuito "**O Oriente Médio na Profecia Bíblica**".

http://portugues.ucg.org/estudos

Uma Breve História do Monte do Templo de Jerusalém

Cerca dos anos 1005-1004 a.C.: Davi, o rei de Israel, conquista a cidade dos jebuseus, Jebus, também conhecida como Salem desde a época de Abraão, e a torna a capital do seu reino unificado de Israel e Judá (1 Crônicas 11:4-8). Então, ela passa a ser conhecida por vários nomes, inclusive Jerusalém, Sião e a cidade de Davi. Por conseguinte, Davi deseja construir um templo para Deus, mas isso não lhe foi permitido por ele ser um homem de guerras, mas que Salomão o construiria. No fim de sua vida, Davi começa a reunir os materiais necessários para a construção desse templo (1 Crônicas 22:1-16).

Através de um anjo e um profeta, Deus mostrou a Davi onde erigir o altar para o templo—na eira de Araúna ou Ornã, o jebuseu, no topo do Monte Moriá, aparentemente o mesmo lugar que Deus entregou um cordeiro a Abraão para sacrificar em lugar de Isaque (ver 2 Samuel 24:16-24; 2 Crônicas 3:1; Gênesis 22).

Cerca do ano 967 a.C.: Salomão, filho e sucessor de Davi, começa a construção do templo, utilizando operários e materiais de Tiro, cujo rei, Hirão, também construiu o palácio de Davi em Jerusalém (2 Crônicas 2:3-3:1).

Cerca do ano 960 a.C.: Salomão dedica o templo, que é então preenchido com a gloriosa presença de Deus (2 Crônicas 5:1-14). Mas o próprio Salomão, eventualmente, se volta para a adoração de deuses estrangeiros, e, após sua morte, cerca do ano 931-930 a.C., seu reino se divide em dois reinos, Judá (com território ao redor e ao sul de Jerusalém) e Israel (ao norte de Jerusalém).

Nos séculos seguintes, o templo seria usado para o propósito de honrar a Deus, mas depois seria negligenciado, e, ocasionalmente, reparado e restaurado, mas logo acabou sendo transformado em um lugar de adoração às divindades pagãs—isso dependia, em grande parte, se o rei de Judá, que estava governando em Jerusalém, era justo ou iníquo.

Ano 701 a.C.: Cerca de 20 anos após o reino do norte ser levado cativo para a Assíria, o rei assírio Senaqueribe invade Judá e sitia Jerusalém, mas a cidade e o rei Ezequias são livrados de forma milagrosa. Quando se preparava para a invasão assíria, Ezequias ordenou a construção de um túnel para desviar a água e fornecer um abastecimento de água seguro para a cidade — uma impressionante prova arqueológica desse registro histórico bíblico pode ser visto hoje pelos visitantes de Jerusalém.

Cerca do ano 700 a.C.: Embora não seja atestado em registros históricos existentes, as evidências arqueológicas mostram que o Monte do Templo foi ampliado durante vários períodos—provavelmente, mais ainda nos tempos de renascimento religioso judaico no reinado do rei Ezequias (cerca de 729-686 a.C.) e novamente durante um breve período de independência judaica depois de 165-164 a.C.

Cerca do ano 587 a.C.: O rei babilônico, Nabucodonosor, invade o reino de Judá pela terceira vez, sitia e queima a cida-



No ano 70 d.C., as legiões romanas destruíram Jerusalém e o templo. Esta gravura de 1867 retrata a batalha no Monte do Templo.

de e destrói completamente o templo construído por Salomão quatro séculos antes. A Arca da Aliança, dentro do templo no Santo dos Santos, desaparece da história. Jerusalém ficou em ruínas por anos até que os exilados judeus começaram a retornar, como descrito nos livros bíblicos de Esdras e Neemias. Os vestígios arqueológicos confirmam a destruição da cidade pelos babilônios e a posterior reconstrução dos muros, conforme registrado em Neemias 2:11-4:23.

Cerca dos anos 536-535 a.C.: A obra começa com a reconstrução do templo, como descrito em Esdras 3:8-13. E cessa, depois dessa restauração ou reconstrução, com a dedicação do templo no ano 515 a.C., conforme descrito em Esdras 5:1-6:22.

Anos 168-167 a.C.: O invasor sírio Antíoco Epifânio tenta eliminar a religião judaica e ergue uma estátua pagã (provavelmente de si mesmo) no templo, e também profana o altar do templo, sacrificando porcos nele. E isso é um fato precursor da "abominação da desolação" do tempo do fim, predito por Jesus Cristo em Mateus 24:15.

Anos 165-164 a.C.: Os judeus purificam e dedicam novamente o templo e o altar. O feriado judaico do Hanukkah comemora as circunstâncias que cercaram esses eventos. Em algum momento nos anos seguintes, a plataforma do templo é ampliada a partir da antiga construção de Salomão e Ezequias.

Cerca dos anos 20-18 a.C.: Herodes, o Grande, rei de Jerusalém e da Judéia, começa uma grande obra de expansão do Monte do Templo e a construção de um novo templo, depois de demolir completamente aquele construído por Zorobabel. Seu enorme complexo de templos é mencionado muitas vezes nos Evangelhos e, após quarenta e seis anos, essa obra ainda estava em andamento, como observado em João 2:20.

Ano 67 d.C.: Por volta da época em que Herodes, o Grande, iniciou e terminou a construção do complexo do templo, a antiga hostilidade judaica contra o domínio romano irrompeu em rebelião aberta e começou a varrer a Judéia e a Galileia, com resultados devastadores para a nação judaica.

Ano 70 d.C.: Legiões romanas cercam Jerusalém e sitiam a cidade, depois rompem suas defesas, demolindo a fortaleza Antônia adjacente, ao lado norte do complexo do templo. O próprio Monte do Templo se torna um campo de batalha e, por conta disso, o templo é queimado e completamente destruído. Os romanos destroem todos os vestígios do complexo do templo no topo da plataforma de fundação, cumprindo a profecia de Jesus Cristo de que não restaria nenhuma pedra dos edifícios do templo (Mateus 24:1-2). A enorme plataforma de fundação, construída por Herodes, permanece desolada.

Anos 132-135 d.C.: Uma segunda guerra judaica contra o domínio romano, conhecida como a revolta de Bar Kokhba, acaba sendo devastadora para os judeus da região. Novamente, Jerusalém é destruída e os judeus expulsos, porém, a cidade torna a ser reconstruída pelo imperador romano Adriano como a cidade romana Aelia Capitolina. Durante esse período, Adriano constrói um templo para Júpiter no abandonado Monte do Templo.

Cerca do ano 325 d.C.: O imperador romano Constantino, o Grande, que veio apoiar e comprometer-se à forma dominante de religião cristã, demoliu o templo de Júpiter no Monte do Templo. Evidências arqueológicas da forma dos mosaicos nos pisos e outros detalhes arquitetônicos mostram que em algum momento da história uma igreja bizantina foi construída no Monte do Templo.

Cerca do ano 692 d.C.: Após a vitória muçulmana na Terra Santa e a conquista de Jerusalém, o Domo da Rocha é construído no Monte do Templo. Essa estrutura, modelada das igrejas bizantinas e perto da Igreja do Santo Sepulcro, é mais um santuário do que uma mesquita—construída sobre a pedra em que os muçulmanos acreditam que Maomé subiu ao céu, mas que vários arqueólogos e outros estudiosos acreditam ser o lugar do Santo dos santos dos templos de Jerusalém.

Cerca do ano 705 d.C.: A primeira mesquita de Al-Aqsa, ao sul do Domo da Rocha, é construída no Monte do Templo (e depois destruída por terremotos e reconstruída nos anos 754, 780 e 1035 d.C.).

Anos 1099 d.C.: Jerusalém é retomada pelos cruzados, que transformaram a Mesquita Al-Aqsa em um palácio e o Domo da Rocha em uma igreja.

Ano 1187 d.C.: Saladino, o conquistador muçulmano, reconquista Jerusalém e restaura a Mesquita Al-Aqsa e o Domo da Rocha às suas antigas funções. Jerusalém permaneceria sob o controle muçulmano pelos próximos setecentos e trinta anos até ser conquistada pelos britânicos na Primeira Guerra Mundial. Durante esse tempo, raramente, judeus ou cristãos eram permitidos no Monte do Templo.

Anos 1948-1949 d.C.: Depois que Israel declara independência em 15 de maio de 1948, ocorrem meses de guerra, durante os quais o exército jordaniano conquista grande parte de Jerusalém. A cidade é dividida em setores de judeus e árabes. Nenhum judeu é permitido no Monte do Templo.

Ano 1967 d.C.: Durante a Guerra dos Seis Dias, as forças israelenses conquistam Jerusalém totalmente, incluindo o Monte do Templo—mas por causa da preocupação de inflamar ainda mais o mundo muçulmano, eles permitem a continuidade do controle religioso jordaniano do Monte do Templo—embora agora seja permitida a entrada de judeus e cristãos no Monte do Templo, e Israel promete livre acesso a todos os lugares sagrados de Jerusalém. Então, as escavações arqueológicas começam nos lados sul e oeste do Monte do Templo e, nas próximas décadas, revelariam a rica história dessa cidade, incluindo sua presença e caráter judaicos incontestáveis.

Fotos/pinturas, da esquerda: Scott Ashley, Francesco Hayez, U.S. Library of Congress

Outra Batalha No Monte do Templo: **Qual Era Sua Localização Original?**

Estamos acostumados a ver manchetes sobre confrontos sangrentos entre árabes e israelenses por causa do Monte do Templo. Mas outra batalha, envolvendo velhos argumentos, está ressurgindo—a pugna agora é sobre o que a história e a arqueologia dizem quanto ao verdadeiro local onde existiam os templos de Jerusalém. Quais são os fatos?

por Scott Ashley

Nos últimos anos, vimos que os templos judaicos sempre existiram em Jerusalém ou no Monte do Templo (ver "O Monte do Templo de Jerusalém: O Centro do Conflito", começando na página 13).

E agora outra teoria está vindo à lume, seguindo ideias similares apresentadas há algumas décadas, propondo que os templos de Jerusalém nunca existiram no Monte do Templo, mas, em vez disso, estavam localizados a centenas de metros ao sul sobre a Fonte de Giom, uma fonte de água original da antiga Jerusalém. De acordo com essa teoria, a área que foi identificada como o Monte do Templo nos últimos dois mil anos, na verdade, é o local da Fortaleza Antônia, originalmente construída por Herodes, o Grande, e mais tarde usada pelos romanos.



Maquete da cidade no primeiro século no Museu de Israel em Jerusalém destaca o magnífico complexo do templo construído por Herodes, o Grande. Ao lado direito, na parte de trás, da plataforma do templo se encontra a Fortaleza Antônia.

Essa teoria—que, pelo nosso conhecimento, não é apoiada por nenhum arqueólogo ocidental experiente da atualidade—está baseada sobre uma série de suposições errôneas e é contestada por uma grande quantidade de evidências bíblicas, históricas e arqueológicas. Lamentavelmente, uma vez que ignora ou nega provas evidentes, acaba por jogar a favor daqueles que negam qualquer presença judaica ou até mesmo a existência de um templo judeu em Jerusalém.

Para entender a história de Jerusalém, precisamos estar cientes dos limites da evidência arqueológica. Uma delas é simplesmente o fato de que Jerusalém é uma cidade dinâmica, desenvolvida, ativa—com casas modernas, empresas, ruas e escolas. Isso torna extraordinariamente difícil escavar em torno da antiga Jerusalém.

Ademais, o fato de a cidade ter sido muitas vezes alvo de disputas, sendo destruída e reconstruída também diversas vezes, não ajuda muito a situação. Também não ajuda o fato de que o templo construído pelo rei Salomão tenha sido destruído por invasores babilônicos cerca do ano 587 a.C., e suas ruínas foram recobertas e usadas para se construir uma plataforma maciça de fundação sobre a qual foi construído um templo posterior.

E assim como o templo de Salomão, o templo da época de Jesus Cristo foi completamente destruído na conquista romana de Jerusalém no ano 70 d.C. que, como Jesus predisse em Mateus 24:2, "não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada". No contexto mostrado por Mateus 24:1, Marcos 13:1-2 e Lucas 21:5, Ele estava falando claramente sobre o próprio templo e seus edifícios e estruturas exteriores, não a plataforma de fundação sobre a qual foram construídos—um fato incompreendido por muitos ao longo dos anos.

Quando se trata da escassez de vestígios arqueológicos, também era comum, até muito recentemente, "reciclar-se" pedras dessa construção em novas estruturas, tornando muito mais difícil, se não impossível, localizar mais do que uma fração das peças originais de edifícios antigos.

Mas, apesar desses desafios, há resquícios muito claros e consistentes que podem ser vistos hoje, que se ajustam perfeitamente com os relatos históricos de testemunhas oculares dessas estruturas ou de pessoas que conheceram esses edifícios.

O espaço nos impede de abordar todas as evidências sobre a atual localização do templo, mas examinaremos algumas das mais importantes. Os leitores interessados podem aprender mais com os recursos listados no final deste artigo.

Onde a Bíblia situa os templos de Jerusalém?

A Bíblia e a história são claras acerca de que o templo de Salomão e o templo posterior, edificado por Zorobabel, foram construídos no mesmo local (ver Esdras 3:3; 5:15; 6:7). Mais tarde, Herodes, o Grande, construiu seu grande templo, aquele que existia nos dias de Jesus, no local do templo de Zorobabel.

E onde era esse local? Lemos em 2 Crônicas 3:1: "E começou Salomão a edificar a Casa do Senhor [o templo] em Jerusalém, no monte Moriá, onde o Senhor se tinha mostrado a Davi, seu pai, no lugar

que Davi tinha preparado na eira de Ornã, o jebuseu". O relato sobre a compra da eira de Ornã pelo rei Davi está registrado em 1 Crônicas 21:14 a 22:1.

Uma rápida visão geral da geografia de Jerusalém pode ser útil neste momento. A cidade jebusita que Davi conquistou, e escolheu como sua capital, chamava-se Jerusalém, ela era uma cidade amuralhada que estava localizada em uma crista estreita que afunilava a um ponto enquanto descia em elevação de norte a sul. Quando a cordilheira alcançava a elevação ao norte, ela se alargava e ficava um pouco plana —embora ainda fosse mais elevada perto do centro da cordilheira.

A cidade dos jebuseus era bem protegida com fortes muralhas, atrás das quais seus defensores se sentiam confiantes o suficiente para zombar dos soldados de Davi, dizendo-lhes que até os cegos e aleijados poderiam impedir que um exército entrasse na cidade (2 Samuel 5:6-8). Essa cidade amuralhada, que, após sua conquista, viria a ser conhecida como "a cidade de Davi" (versículo 9), era muito pequena, pois media apenas cerca de três hectares e meio no cume.



Esta foto mostra uma eira ainda em uso no Oriente Médio no final do século XIX. A mulher (sentada) usa um abano como mencionado na Bíblia. O homem usa uma forquilha para joeirar.

Vales íngremes ao leste, oeste e sul ajudaram a tornar a cidade praticamente inexpugnável. Escavações arqueológicas nos últimos anos revelaram fortes torres defensivas que protegiam a fonte de água da cidade, a Fonte de Giom, na base da cordilheira que desaguava no vale do Cedrom, entre a cordilheira e o Monte das Oliveiras, ao leste.

O templo foi construído no local de uma eira

Como mencionado acima, o templo foi construído no local de uma eira. O que era uma eira? Era uma área aberta onde se debulhavam o trigo e a cevada, abrindo as cascas e separando os grãos, para que podessem ser moídos em farinha para fazer pão.

As cascas do trigo e da cevada geralmente eram rachadas pelos cascos de um animal que andava sobre elas (Deuteronômio 25:4) ou por um trenó puxado por esses animais. Os grãos e as cascas misturadas eram então peneirados muitas vezes num grande cesto achatado e o vento removia as cascas mais leves enquanto os grãos mais pesados caíam no cesto de coleta (ver Rute 3:2; Isaías 41:16; Mateus 3:12). Geralmente, as eiras ficavam em colinas ou grandes áreas abertas onde o vento podia soprar as cascas (palha, como chama a Bíblia).

O fato de o templo ter sido construído no local de uma eira nos indica que foi *edificado do lado de fora* da cidade de Davi, porque construir uma eira dentro das muralhas da cidade teria sido contraproducente—as muralhas e os prédios da cidade teriam bloqueado o vento necessário para separar os grãos das cascas. Além disso, nunca se construía uma eira perto da fonte de água de uma cidade, pois o vento jogaria a palha na água, poluindo a água, desnecessariamente, com o gosto ruim da palha.

A própria Bíblia confirma que a localização da eira sobre a qual o templo foi construído estava "acima"—em elevação—da cidade de Davi (2 Samuel 24:18-19). À luz da geografia da cordilheira em que a cidade foi construída, que se alargou e aumentou sua elevação ao norte, isso torna a área ao norte o único local em que um templo poderia ser construído—especialmente porque a cidade era cercada por vales íngremes nos outros três lados. (Este também é o único local lógico para a eira, já que a localização mais alta seria fora das muralhas da cidade e poderia aproveitar o vento necessário para peneirar os grãos).

A Bíblia também nos diz que após Salomão terminar e dedicar o templo, ele e os anciãos de Israel "fizeram *subir* a arca do concerto do Senhor *da Cidade de Davi*" para o templo (1 Reis 8:1, grifo nosso). O fato de que a arca foi levada da Cidade de Davi significa que ela foi trazida "*para fora* da Cidade de Davi" (segundo a nova tradução King James e várias outras) para o templo recém-construído.

O relato bíblico menciona oito vezes, em 1 Reis 8 e 2 Crônicas 5, de que eles *fizeram subir*, *levantaram*, ou *levaram para cima* a arca da Cidade de Davi para o templo—provando que o templo estava *acima e fora* da Cidade de Davi—exatamente onde o Monte do Templo tem existido há quase três mil anos.

Vemos nessas passagens que qualquer argumento de que o templo se encontrava dentro da área da Cidade original de Davi é uma contradição direta aos relatos das Escrituras. Essas passagens também provam que o templo não poderia ser localizado na Fonte de Giom, porque essa fonte estava localizada num *declive* da Cidade de Davi em direção ao vale do Cedrom, em uma elevação de *mais de trinta metros abaixo* da cidade.

Os banhos rituais judaicos: Uma evidência arqueológica da localização do Templo

É estranho precisar argumentar que a estrutura reconhecida nos últimos dois mil anos como a plataforma de fundação do Templo de Herodes é exatamente isso, sendo ela mesma *15 hectares* de prova. No entanto, vamos recapitular algumas dessas provas arqueológicas de que esse é realmente o atual local do templo.



Este é um dos mais de cem banhos de purificação judaicos que arqueólogos escavaram ao redor do Monte do Templo, mostrando a separação na escada para entrar e sair.

Uma das provas mais notáveis de que o Monte do Templo foi considerado um lugar sagrado é o grande número de banhos rituais de purificação judaicos, chamados *mikvot* ou *micvá* (plural de *mikveh*), ao redor do Monte do Templo. Até agora, *mais de cem* foram encontrados, variando em tamanho para acomodar uma pessoa ou dezenas ou até centenas de fiéis de uma só vez. (Incidentalmente, esse grande número de *micvá* explica como os apóstolos conseguiram encontrar água suficiente para batizar três mil pessoas em um dia na Festa de Pentecostes, conforme descrito em Atos 2:41).

Na época de Jesus, era comum aos fiéis que subiam ao templo mergulhar ritualmente na água para que pudessem entrar no recinto do templo em um estado ritualmente puro. A propósito, essa prática de purificação ritualística era realizada em várias sinagogas de Israel, onde alguns *micvá* semelhantes foram encontrados, datando deste período—e essa prática continuou em muitas sinagogas em vários

Fotos da esquerda: U.S. Library of Congress, Scott Ashley (2)

outros lugares nos séculos seguintes.

A arqueóloga Eilat Mazar descreve o que foi descoberto nas escavações ao longo das paredes sul e oeste do Monte do Templo, sob a supervisão de seu avô, de acordo com as anotações do arqueólogo Benjamin Mazar: "Dezenas de banhos rituais que datam do período herodiano foram encontrados em todo o local da escavação. Canais de corte de rocha dirigiam a água excedente das imensas cisternas no Monte do Templo para os banhos . . . Cada banho tinha uma entrada com escadas e um parapeito baixo no centro que separava os que entravam para a purificação daqueles que saíam após a purificação" (The Complete Guide to the Temple Mount Excavations [*O Guia Completo das Escavações no Monte do Templo]*, 2002, p. 61).

Em todos os lugares em que os arqueólogos escavaram ao redor do Monte do Templo, tanto do lado sul como do oeste e nas limitadas escavações ao norte, eles encontraram banhos rituais judaicos que datam dos primeiros séculos a.C. e d.C. A única área que eles não encontraram foi na do lado leste, onde um grande cemitério muçulmano impede qualquer exploração arqueológica.

Recentemente, foi revelado a partir de registros históricos escondidos que após um terremoto em Jerusalém de 1927 que danificou a Mesquita Al-Aqsa no Monte do Templo, o arqueólogo britânico Robert Hamilton descobriu e documentou os restos de um *micvá* judaico do século primeiro sob seu piso - um achado mantido escon-



Flávio Josefo, historiador judeu do primeiro século, descreve as placas que advertiam aos não judeus para não se aproximarem do templo. Esta versão completa foi encontrada em 1871 perto do Monte do Templo.

dido por quase um século para não despertar a ira muçulmana diante de uma clara evidência de adoração judaica no Monte do Templo.

Evidentemente, todas essas dezenas de banhos rituais judaicos ao redor e no topo do Monte do Templo não fariam sentido se ali fosse o local do Forte Antônia, como argumentam aqueles que desejam mudar o local do templo. Também não faria sentido os judeus poderem banhar-se ritualmente em toda a fortaleza militar romana—mas faz todo o sentido se eles estivessem se purificando antes de subir ao templo para adorar.

Em contraste, considerando os muitos locais de escavação ao longo de muitos anos de escavação, nenhum desses banhos—ou *qualquer* outra evidência de *qualquer* género de adoração judaica—foi encontrada aonde alguns dizem que é o local do templo, acima da Fonte de Giom.

As descobertas correspondem com a descrição de Josefo do templo

Flávio Josefo (ca. 37-100 d.C.) foi um prolífico erudito, historiador e sacerdote judeu do primeiro século intimamente familiarizado com Jerusalém e o templo assim como com a guerra em que ambos foram destruídos pelos romanos. Em seus escritos, ele fornece muitas descrições do templo que nos permitem correlacioná-lo com o Monte do Templo, mas vamos nos concentrar apenas em alguns achados arqueológicos.

Josefo registra que a corte externa do complexo do templo, conhecida como a Corte dos Gentios (na qual os gentios poderiam entrar), "era cercada por um muro de pedra com uma divisória, com uma inscrição que proibia a entrada de qualquer estrangeiro, sob pena de morte" (Antiguidades dos judeus, Livro 15, capítulo 11, seção 5). Em sua obra *Guerras dos Judeus*, ele afirma que havia muitas dessas inscrições nas paredes, "alguns em grego, e outras em letras romanas, dizendo que 'nenhum estrangeiro poderia entrar naquele santuário'" (Antiguidades dos judeus, Livro 5, capítulo 5 , seção 5).

E duas dessas inscrições de pedra proibindo a entrada, uma completa e a outra faltando as extremidades, foram encontradas. A que estava completa foi encontrada, em 1871, a cerca de cinquenta metros do Monte do Templo, e a parcial foi encontrada, numa escavação em 1935, a sessenta metros ao norte na ala nordeste da plataforma do Monte do Templo. Ambas foram reutilizadas em outras estruturas, mostrando como os antigos materiais de construção eram, frequentemente, removidos e reutilizados de outras formas. A inscrição grega esculpida na cópia completa, resumia o que disse Josefo: "Nenhum estrangeiro pode entrar na balaustrada ao redor do santuário e do recinto. Quem for pego, deve ser réu de morte".

Josefo também descreve uma parte do complexo do templo "onde era costume um dos sacerdotes ficar de pé e fazer anúncios ao som de trombeta, à tarde à aproximação de cada sétimo dia, e à tarde seguinte ao fim [de cada sétimo dia]" (*Guerras dos Judeus*, Livro 4, capítulo 9, seção 12). Para que essa trombeta anunciasse o começo e o fim do dia de sábado, de forma significativa, obviamente isso deve ter ocorrido numa parte do templo onde ela podia ser ouvida em grande parte da cidade.

Em 1968, o arqueólogo da Universidade Hebraica, Benjamin Mazar, encontrou uma grande pedra esculpida nos escombros da destruição do templo na extremidade da plataforma do Monte do Templo, que no primeiro século tinha uma vista da maior parte da cidade. A pedra estava enterrada no fundo dos escombros de alguns dos edifícios exteriores do templo, o que significa que ela, provavelmente, caíra do topo das estruturas construídas em torno das bordas da plataforma.

Esculpida em pedra e escrita em hebraico elaborado, continham essas palavras "*Para o local da trombeta para anunciar* . . . , mas o restante da inscrição tinha-se quebrado, e portanto estava perdido. Os especialistas do templo creem que a inscrição completa dizia: "*Para o local da trombeta para anunciar* o Sábado", e que a pedra caiu do lugar ao qual Josefo se referia—particularmente porque a pedra quebrada se encaixava perfeitamente em um bloco de pedra muito maior que tinha um nicho esculpido em um tamanho exato para um homem para estar de pé.

Josefo também descreve o lado ocidental da plataforma do templo como tendo quatro pontos de entrada, um acessado por uma ponte que cruza o Vale do Tiropeon até a cidade alta de Jerusalém, outros dois se abriam para o resto da cidade, e um quarto envolvia "um grande número de degraus" localizados "onde a estrada descia para o vale" (*Antiguidades dos judeus*, Livro 15, capítulo 11, seção 5).

Hoje, no Muro das Lamentações, é possível ver restos dessas quatro entradas para o Monte do Templo exatamente como detalhado por

Josefo. Com o nome dos famosos arqueólogos de Jerusalém, eles são chamados, respectivamente, Arco de Wilson (os restos de uma ponte que cruza o Vale do Tiropeon), Portão de Warren, Portão de Barclay e Arco de Robinson, que são os restos de uma enorme escadaria com "muitos degraus", que levam até à "estrada [do primeiro século que] descia para o vale"—exatamente como descreve Josefo.

Josefo descreveu ainda uma impressionante colunata "melhor do que qualquer outra sob o sol" ao longo do topo sul da plataforma do templo (ibid.). As descobertas de Benjamin Mazar em suas escavações ao longo da muralha sul do Monte do Templo, de 1968 a 1978, coincidiram novamente com a descrição dada por Josefo:

"Numerosos fragmentos dessas pilastras [colunas retangulares colocadas em paredes] e suas bases, bem como pedaços de dois relógios de sol de pedra, junto com fragmentos de outros elementos arquitetônicos, incluindo frisos, painéis, cornijas . . . alguns dos quais caíram do topo do muro e alguns do Pórtico Real [uma enorme estrutura com colunas que corria ao longo do topo da parede sul do Monte do Templo], foram encontrados em abundância entre os detritos que se acumularam ao longo da área de frente a toda a extensa Parede do Sul e perto da Parede Ocidental.

"Esses fragmentos trazem típicas decorações herodianas, incluindo a rica variedade de padrões geométricos assim como de florais característicos do repertório artístico do período" (*O Monte do Senhor: Escavação em Jerusalém*, 1975, pp. 121-124).

Josefo também acrescentou que o lado sul da plataforma do templo tinha "portões no meio". Hoje é possível visitar o Monte do Templo e ver dois conjuntos de portões, conhecidos como Portão Duplo e Triplo, entre os muros—exatamente como Josefo os posiciona. (Josefo lista "um grande portão" no lado leste e não especifica a quantidade no lado norte—mas, atualmente, essas áreas estão debaixo de um cemitério muçulmano e na parte muçulmana da cidade, e ainda nenhuma escavação foi feita ao longo desses muros).

Lamentavelmente, desde que o Monte do Templo tem estado nas mãos das autoridades muçulmanas, nunca permitiram nenhuma exploração arqueológica significativa neste ou no último século. Ademais, há muitas evidências de que as autoridades muçulmanas estão *destruindo* os restos antigos do Monte do Templo, buscando apagar qualquer evidência da presença de judeus no local. Assim, devido à impossibilidade de exploração científica do Monte do Templo na atualidade, essas outras evidências sob sua superfície, que confirmariam ainda mais que esse era o local do templo, vão continuar sendo um mistério.

Arqueologia refuta qualquer templo acima da Fonte de Giom

Alguns argumentam que o templo de Jerusalém estava localizado no cume acima da Fonte de Giom, durante o primeiro século. Como era essa área nesse século? De 1995 até sua aposentadoria em 2011, o professor da Universidade de Haifa, Ronny Reich, ganhador de vários prêmios por suas excelentes contribuições para o campo da arqueologia, e codiretor das escavações na cidade de Davi, supervisionou as explorações arqueológicas ao redor da Fonte de Giom, incluindo as encostas íngremes da cordilheira em que se encontrava a Cidade de Davi. Suas descobertas contribuíram muito para entender a história da área.

Então, o que ele achou nessa área, aonde alguns dizem que era o local dos templos de Jerusalém? Em seu livro de 2011, *Escavando a Cidade de Davi: Onde Começou a História de Jerusalém*, Dr. Reich explica o que eles tiveram que cavar ao redor da Fonte de Giom: "De oito a nove metros de solo, blocos de pedra e fragmentos de cerâmica foram achados—tudo isso espalhado pelas encostas orientais da cidade de Davi . . . ". Ele descreve como semelhante "camada espessa" de material também cobria outros locais próximos escavados por outros arqueólogos anteriores.

O que era essa "camada espessa" de material? ". . . Era uma enorme quantidade de detritos, numa área de centenas de milhares de metros cúbicos. Não demorou muito para percebermos que se tratava do *local de descarga de resíduos da cidade de Jerusalém desde o período final do Segundo Templo*"—isto é, desde a época do templo de Herodes (pp. 219-220).



O historiador judeu do primeiro século, Flávio Josefo, descreve um local no templo onde o sacerdote tocava uma trombeta para anunciar o começo e o fim do sábado. Este pedaço de parapeito de pedra, encontrado nos destroços dos edifícios do templo, tem uma inscrição em hebraico que diz: "Para o local da trombeta para anunciar . . ."

Então, em vez de ser o local do glorioso templo de Herodes, onde Jesus Cristo visitou e ensinou essa área acima e ao redor da Fonte de Giom, na verdade, era *o lixão da cidade* nos dias de Jesus!

Outros relatórios de escavações arqueológicas mostram que, durante o período do templo de Salomão, essa mesma encosta era coberta com declives agrícolas do mesmo tipo vistos em toda a Jerusalém hoje em dia para o cultivo de oliveiras—demonstrando novamente a impossibilidade de ali ter sido a localização do templo.

Além dessas escavações ao redor e acima da Fonte de Giom—incluindo *pelo menos outras oito* onde alguns, erroneamente, disseram que se localizava o templo—os arqueólogos escavaram todos os níveis de ocupação humana em muitas áreas próximas da cidade de Davi, e nada indica, nem remotamente, que o templo de Jerusalém era ali, como alguns imaginam. Apesar de muitos anos de escavação, desde 1867—mais de cento e cinquenta anos—*absolutamente nada que diz respeito a restos de um templo foi encontrado*.

Simplesmente, não existe *absolutamente nenhuma evidência* que apoie a ideia de que existiu um templo acima ou perto da Fonte de Giom—e as extensas escavações realizadas ali provam, conclusivamente, que os templos da Bíblia *nunca existiram naquele local*.

Se a clara evidência do solo não for suficiente, tanto a Mishná (uma compilação da lei oral judaica e da tradição das épocas do templo, incluindo descrições detalhadas do templo, escritas posteriormente no segundo e terceiro séculos) como Josefo definem o tamanho da plataforma do templo entre quinhentos e seiscentos côvados, respectivamente—o que significa que tinha cerca de 270 a 610 metros de largura, dependendo da versão do côvado usada.

A localização de uma estrutura daquele tamanho no cume da cidade de Davi é *fisicamente impossível*—ela se estenderia e bloquearia grandes partes dos vales em ambos os lados (inclusive cobrindo a rua, do

Fotos: Scott Ashley (2)

primeiro século, que atravessava o vale no lado oeste da cordilheira). E se posicionado exatamente sobre a Fonte de Giom, isso teria represado completamente o Vale do Cedrom (e novamente, *não há nenhuma evidência disso*!).

Ademais, sabemos pela arqueologia que essas áreas foram habitadas e usadas durante séculos e, segundo essa proposta de localização diferente para o templo, essas habitações estariam soterradas bem abaixo da fundação do templo! Mais uma vez, a evidência física mostra a impossibilidade da validade dessa ideia.

Por que o Monte do Templo não poderia ser a Fortaleza Antônia

Aqueles que teorizam que o templo estava localizado na Fonte de Giom, na cidade de Davi, têm uma explicação para a identidade do que agora está identificado como a plataforma do Monte do Templo. Eles rotulam a plataforma como o local da Fortaleza Antônia, uma fortificação militar construída por Herodes, o Grande, e dada esse nome em homenagem ao seu amigo e partidário Marco Antônio, um dos generais de Júlio César. Mas há várias razões pelas quais isso é ilógico e inconsistente com os fatos conhecidos.

Um dos maiores problemas com essa ideia é que Josefo afirma claramente que a Fortaleza Antônia ficava ao lado noroeste da plataforma do templo. Na obra *Guerras dos Judeus*, ele escreve: "Agora, quanto à torre de Antônia, ela ficava mais *na esquina de dois claustros* [colunatas] *da corte do templo*; do oeste e do norte" (Livro 5, cap. 5, seção 8). Mais tarde, ele menciona "o claustro noroeste [colunata do templo], que se uniu à torre de Antônia" (*Guerras dos Judeus*, Livro 6, cap. 2, seção 9).

No entanto, a Fonte de Giom, sobre a qual eles querem posicionar o templo, fica a *uns 270 metros ao sul da plataforma do Monte do Templo e, de modo algum, se une a ela*. Para resolver isso, eles têm que introduzir ao relato de Josefo uma ponte de cerca de cento e oitenta metros de um local para outro—uma ponte para a qual, mais uma vez, *não existe qualquer* evidência arqueológica ou histórica.

Existem muitos outros problemas com essa teoria. Das 55 vezes que Josefo refere-se à Fortaleza Antônia, 44 dela ele a chama de "a torre Antônia" (nas outras vezes, ele se refere a ela simplesmente como "Antônia"). A plataforma do Monte do Templo é uma *estrutura plana* de 15 hectares que, de forma alguma, é uma "torre", como Josefo chama, repetidamente, a Fortaleza Antônia.

Outro grande problema com a identificação da plataforma do Monte do Templo como a Fortaleza Antônia é o grande número de portões, entradas, pontes e escadarias maciças que dão acesso à estrutura—conhecemos *pelo menos dez entradas*. Uma fortaleza, por definição, tem como objetivo *impedir o acesso de pessoas*. Quem construiria uma fortaleza com dez pontos de entrada esperando estar seguro? Obviamente, ninguém! Uma fortaleza é construída com um número *mínimo* de entradas, caso contrário, ela seria inútil como uma estrutura defensiva.

Outro argumento a respeito dessas entradas é o fato de que algumas das entradas do muro sul abriam-se em longas passagens que, originalmente, permitiam aos fiéis saírem para o topo da plataforma perto do templo.

Anos atrás, antes que essas passagens fossem permanentemente fechadas para não muçulmanos, fotografias e desenhos arquitetônicos mostravam adornos com belas colunas e cúpulas elegantes decoradas com trepadeiras de pedra esculpidas e desenhos geométricos —sem representações de pessoas ou animais, que eram proibidos pel lei judaica.

Esse tipo de obra de cantaria, decorativa, elaborada e caríssima, não seria encontrado em uma instalação militar, mas está muito de acordo com as descrições contemporâneas da beleza e elegância do templo em todas as áreas. Fragmentos de cantaria polida semelhantes foram encontrados ao redor do Monte do Templo em meio aos seus escombros.

Ademais, outro problema para essa teoria é a data da construção dessa estrutura. Em uma escavação de 2011, próximo a extremidade ocidental do Monte do Templo, foram encontradas moedas sob as fundações do Muro das Lamentações [parte do Muro Ocidental] datadas do ano 17 e 18 d.C. Isto demonstra que essa estrutura maciça dos muros ainda estavam em construção no início da era comum, após a construção ter começado no décimo oitavo ano do reinado de Herodes em 22 a.C. (Esta descoberta também corrobora o que afirma João 2:20, ou seja, que, naquela época, aos fins da vigésima década d.C., o complexo do templo já tinha quarenta e seis anos de construção).

Esta descoberta também prova que o Monte do Templo não é a Fortaleza Antônia, que Herodes, o Grande, construiu e nomeou para seu amigo e apoiador Marco Antônio. Herodes construiu e concluiu a Fortaleza Antônia durante sua vida, muito antes de sua morte, por volta do ano 4 a.C. A descoberta de moedas, que datam de 17-18 d.C., sob as fundações do muro mostra a impossibilidade de esta ser a Fortaleza Antônia, que tinha sido concluída pelo menos duas décadas antes.

Os fatos são evidentes

Quando se trata da localização atual dos templos de Jerusalém, os fatos são claros. As teorias de que os templos foram construídos acima da Fonte de Giom são apenas isso—teorias—e se tratam de teorias fracas e seriamente falhas. Ademais, são teorias sem apoio de qualquer evidência real.

Na verdade, a única evidência real que existe *contradiz diretamente* essas ideias—e é por isso que nenhum dos arqueólogos de renome que conhecemos as apoiam. As evidências atuais apontam para o que foi aceito nos últimos dois mil anos—que os templos de Salomão e Herodes foram construídos no Monte do Templo, exatamente onde a história, a tradição e a arqueologia os posicionam.

Os leitores interessados em aprender mais sobre o assunto podem ler uma entrevista em inglês com Leen Ritmeyer, talvez a maior autoridade mundial na arquitetura e arqueologia do Monte do Templo, buscando pelo termo "Leen Ritmeyer" no nosso site inglês ucg.org/learnmore.

O Dr. Ritmeyer esteve envolvido em várias escavações importantes em Jerusalém, e suas ilustrações apareceram em muitos livros acerca da Bíblia, em atlas e em publicações acadêmicas. Em seu site, *ritmeyer.com*, ele costuma comentar sobre importantes achados arqueológicos dos tempos bíblicos.

Ele é o autor ou coautor de vários livros muito recomendados sobre Jerusalém, o templo e o Monte do Templo, como *Jerusalém: O Monte do Templo* (2015), *Jerusalém no Ano 30 d.C.* (2015), *A Missão: Revelando o Monte do Templo em Jerusalém* (2012) e *Segredos do Monte do Templo de Jerusalém* (2006). ***BN***



Da Glória à Glória, para trazer Glória ao Homem

Quem era Aquele que veio e morreu pelos pecados do mundo? Quem realmente era Ele? Como Ele chegou ao mundo? E por que isso importa?

por John Miller

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16). Esta passagem central da Escritura fala sobre Aquele que veio a morrer pelos pecados do mundo e também sobre Aquele que O enviou, bem como o propósito subjacente—o plano de Deus de dar vida eterna ao homem mortal. Deus amou tanto ao ser humano, o pináculo de Sua criação, que entregou Seu Filho para morrer pelos pecados da humanidade. Esta é uma declaração sobre um grande propósito e também acerca do enorme preço pago para alcançá-lo.

Então, quem era esse Filho enviado e quem é o Deus que O enviou? Como isso foi possível? Por que Deus iria intervir no mundo de forma tão pessoal, e por que isso é importante para você e para mim?

Para entender, devemos confiar nas palavras autorizadas das Escrituras. "As palavras que eu vos disse são espírito e vida", disse Jesus Cristo a Seus seguidores (João 6:63). "Santifica-os na verdade; a Tua palavra é a verdade", assim Ele orou a Deus Pai naquela noite antes de Sua crucificação (João 17:17). "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida", Jesus disse a Tomé quando este Lhe perguntou para onde estava indo (João 14:6).

Quando exploramos a questão da natureza dAquele que veio e dAquele que O enviou, não precisamos ir além das palavras autoritárias e obra de Deus Pai e de Jesus Cristo.

Partindo do princípio

"No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus", declara o apóstolo João na introdução de seu Evangelho (João 1:1). E, para deixar registrado, ele declara essa verdade que foi-lhe revelada por Jesus Cristo para que outros tenham plena confiança em crer nela.

A clareza da inspiração de João deve ser a base de nossa compreensão da natureza de Deus, em vez de um raciocínio humano complicado.

De forma sucinta, o apóstolo Paulo diz-nos por que: "O mundo não conheceu a Deus *pela sua sabedoria*" (1 Coríntios 1:21, grifo nosso). Ele destaca a inconformidade da sabedoria filosófica com uma série de perguntas: "Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor [argumentador] deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo?" (versículos 20-21).

Como essa sabedoria filosófica tornou-se uma tolice? Uma das maneiras principais se encontra no Evangelho de João. João desconstrói as ideias humanas sobre o que Deus pode fazer, ou ser, com uma afirmação essencial: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, como a glória do Unigênito do Pai" (João 1:14).

Deus torna-se carne

"Deus tornando-se carne" é o tema central do livro de João—o restante do livro apoia e ilustra essa verdade.

A alegação é audaciosa, mas entendê-la não é difícil: "No princípio", afirma João, existiam dois Seres divinos—um chamado "Deus" e outro chamado "Verbo", que também "era Deus". E este, revela João, "se fez carne e habitou entre nós".

Entender o que João disse não é difícil. *Acreditar* na audácia dessa reivindicação era um desafio naquela época, como também é agora. O fato de Deus tornar-se carne, como o unigênito do Pai, entrava em conflito com todas as pessoas crentes daquele tempo. Para os judeus aquilo era uma blasfêmia e um "escândalo" (1 Coríntios 1:23), e inconsistente com sua visão imperfeita de Deus. E para os gregos era "loucura", porque durante séculos os seus filósofos negaram a possibilidade de um deus se tornar realmente humano.

O Verbo se tornando carne varria séculos de "sabedoria" e tornava "em nada" os construtos filosóficos sobre Deus, que limitavam Sua interação com Sua própria criação—conceitos que declaravam a criação física como perversa e o reino espiritual como místicos e incognoscíveis.

Tudo se resume numa palavra—"tornou-se", o que, por definição, significa "se fez". João é muito claro aqui. O Verbo, que desde o princípio estava com Deus e era Deus, "se fez" carne. Isso não significava que Ele não era mais Deus, pois *Sua identidade não mudou*. Isso sig-

Fotos: 123RF

nifica que, tendo se tornado carne, Ele não era mais um ser espiritual como Ele era antes.

Quando o Verbo se tornou carne na Terra, então Ele passou a não existir mais no céu. O Verbo se tornar carne *não diminui a divindade de Cristo, mas*, na verdade, *confirma-a*.

O fato de o "Verbo se tornar carne" é fundamental para esclarecer de forma objetiva o que os teólogos não conseguiram explicar com volumes de raciocínio humano complicado. Ainda assim, esse é apenas um passo no processo que tirou o Verbo *da glória* e depois O colocou de volta *na glória*.

A transição do Verbo *da glória* à carne e de volta à glória pode ser assim resumida: Quando "o Verbo se fez carne" *deixou de ser espírito* e "habitou entre nós" como "o unigênito do Pai" até morrer crucificado. Quando Deus Pai O ressuscitou dos mortos e "pondo-O à Sua direita nos céus", *Ele deixou de ser carne* e "tornou-se um espírito vivificante", mais uma vez, dotado da glória que tinha com Deus antes de o mundo existir (João 1:14; 3:6; Efésios 1:20, 1 Coríntios 15:45; João 17:5).

A jornada, da glória à glória, para trazer glória

Vamos voltar ao começo descrito por João e seguir a jornada do Verbo, da glória à carne e de volta à glória, com o propósito de, como mais tarde afirma, levar muitos filhos e filhas à glória (ver Hebreus 2:10).

Como já vimos, João abre o Seu Evangelho com estas palavras: "No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus". Novamente, existiam dois Seres divinos, a quem João chama "Deus" e "o Verbo". O Verbo tanto estava *com* Deus como também *era* Deus—esses dois Seres Eternos existiam juntos como Deus antes da criação do primeiro capítulo de Gênesis.

João prossegue dizendo sobre o Verbo que "todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez" (João 1:3; ver também Efésios 3:9 versão Almeida Corrigida e Fiel).

"Todas as coisas" são definidas pelo apóstolo Paulo como "todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades" (Colossenses 1:16). Paulo, frequentemente, usa os termos "dominações", "principados" e "potestades" para se referir a diferentes categorias ou classes de seres e autoridade no mundo espiritual invisível (ver Romanos 8:38; Efésios 1:21; 3:10; 6:12; Colossenses 2:10, 15).

Assim, Deus criou todas as coisas, sejam *espirituais* ou *físicas*, através do Verbo—este Verbo atuou na obra de criação como agente Daquele que, mais tarde, seria conhecido como Deus Pai.

O livro de Hebreus confirma esta verdade: "Deus . . . falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho, a Quem constituiu herdeiro de tudo, *por Quem fez também o mundo*" (Hebreus 1:1-2).

Isso é condizente com o registro da criação física que vemos em Gênesis 1:1: "No princípio, criou Deus [*Elohim*] os céus e a terra". A palavra hebraica *Elohim*, aqui traduzida como "Deus", é uma palavra no *plural*—que significa *mais de um Ser espiritual divino*, compartilhando o enorme poder divino e participando da criação do universo físico a partir de nada. Isso culminou no climax da criação: "E disse Deus: *Façamos* [plural] o homem à *Nossa* imagem, conforme a *Nossa* semelhança" (Gênesis 1:26; ver também Hebreus 11:3).

Deus declarou que toda Sua criação física era boa (Gênesis 1:31). Então, "plantou o Senhor Deus", aqui Aquele que criou tudo em nome do Outro, como declarado em João, "um jardim no Éden, da banda do Oriente" e mandou ao homem "para o lavrar e o guardar" (Gênesis 2:8, 15).

Naquela época, o Senhor Deus realmente *andava e falava* com eles, mesmo depois que Adão e Eva pecaram: "E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia . . . E chamou o SSenhor Deus a Adão e disse-lhe: Onde estás?" (Gênesis 3:8-9). Ele não apenas andou e falou no meio da criação, mas o Ser que mais tarde se tornaria Jesus Cristo procurou o homem caído, pelo qual mais tarde se sacrificaria. (Ver também "Quem e o Que Era Jesus Cristo Antes de Nascer Como Ser Humano?", começando na página 26).

O Senhor Deus está diretamente, pessoalmente e tangivelmente envolvido em Sua criação. Ele plantou um jardim no Éden. Ele criou o homem do pó da terra. Ele auxiliou Noé a preservar a vida após o Dilúvio. Ele chamou os patriarcas para erguer uma nação. Ele derrotou o faraó e libertou Israel. Ele falou com os antigos profetas.

E, finalmente, Deus Pai enviou o Verbo para se tornar carne: "Vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher" (Gálatas 4:4).

Nascido de uma mulher! "Emanuel" ou "Deus conosco"! (Mateus 1: 22-23). "Deus se manifestou em carne"! (1 Timóteo 3:16, ACF) O impacto disso dificilmente pode ser subestimado. O anjo Gabriel levou a notícia para Maria: "E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um Filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande, e será chamado filho do Altíssimo" (Lucas 1:31-32).

Então, Maria fez a pergunta óbvia: "Como se fará isto, visto que não conheço homem algum?" (versículo 34, ACF). Como uma virgem poderia conceber e gerar o Filho de Deus—Deus na carne?

A resposta de Gabriel descreve o processo que os filósofos diziam ser impossível e impensável: "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a Sua sombra; por isso, também o Ente Santo que há de nascer será chamado Filho de Deus" (Lucas 1:35, ARA).

Deus torna-se carne no ventre de Maria

Deus não somente uniu-se à raça dos mortais, como também fez isso de maneira muito íntima com a concepção de Jesus Cristo no ventre de Maria. Observe que esse processo *não criou* Aquele que se tornaria Cristo. A fecundação de Maria por um milagre do Pai, através do Espírito Santo, é o ato que fez com que o Verbo preexistente se tornasse carne. O Verbo sempre existiu com o Pai antes desse evento. Porém, agora o Verbo não seria mais espírito, pois "se fez carne e habitou entre nós" como Jesus Cristo (João 1:14).

Então, Ele esvaziou-se da glória que tinha com o Pai antes de existir o mundo? Sim, para assumir a "glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade" (Filipenses 2:7; João 1:14; 17:5). O Verbo imortal tornou-se um homem mortal? Sim! (João 1:14). O espírito se tornou carne? Sim! Deus tornou-se ser humano? Sim! (Mateus 1:22-23)

Então, Ele deixou de ser Deus, o Verbo? Não, porque o Verbo havia se tornado carne, mas manteve Sua identidade anterior.

Quando o Verbo se tornou carne, o Deus incognoscível tornou-se conhecido. O Deus invisível tornou-se visível. O altíssimo e grandioso Deus se tornou pessoal.

O Verbo deixou a glória para trazer glória ao ser humano. Deixou Seu status existencial glorioso, eterno e todo-poderoso para que, finalmente, os seres humanos fossem glorificados como filhos espirituais e eternos de Deus.

Jesus não atuou nesse propósito sozinho e sem Deus Pai. Ele é o símbolo máximo da humildade e da submissão. A Bíblia registra que Ele se submeteu à vontade de Seu pai adotivo terreno, José (Lucas 2:51) e que também se submeteu a Seu Pai Celestial até o dia de Sua morte (Mateus 26:39). Outras declarações de Jesus demonstram Sua total submissão a Deus Pai:

"Na verdade, na verdade vos digo que o Filho por Si mesmo não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer ao Pai, porque tudo quanto Ele faz, o Filho o faz igualmente" (João 5:19).

"Eu não posso de Mim mesmo fazer coisa alguma; como ouço, assim julgo, e o Meu juízo é justo, porque não busco a Minha vontade, mas a vontade do Pai, que Me enviou" (João 5:30).

Jesus disse ainda: "Se Deus fosse o vosso Pai, certamente, Me amaríeis, pois que Eu saí e vim de Deus; não vim de Mim mesmo, mas Ele Me enviou" (João 8:42).

Deus, o Filho, realmente morreu?

Alguns teólogos argumentam que a "parte Deus" de Jesus Cristo não morreu quando Ele foi crucificado, mas apenas a parte homem. Este é um argumento que traz consequências. Se somente Jesus, o homem, morreu então Sua morte só poderia pagar ou cobrir os pecados de apenas outro homem. A ideia de que o Verbo divino continuou habitando eternamente no reino espiritual enquanto, de alguma forma, estava ligado ou possuindo o Jesus humano, ignora a mensagem clara, afirmativa e fundamental de João: "O Verbo *se fez* carne". O Verbo passou de espírito a carne. Então não havia nenhuma parte do espírito divino que permaneceu viva quando Jesus morreu.

E é precisamente isso que o apóstolo João combate em seu evangelho e nas epístolas posteriores. Observe sua citação de Jesus revelando o Pai e a Si mesmo, o Filho, como dois Seres distintos e separados: "Porque, como o Pai tem a vida em Si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em Si mesmo" (João 5:26).

Quando o Verbo se tornou carne, o Pai, sendo um Ser distinto e separado, continuou a existir no céu. E quando morreu o Verbo, que se fez carne, o Pai ainda reinava supremo no céu e foi capaz de agir independente e separadamente do Deus Filho enquanto Este estava morto.

E tudo isso é o oposto da doutrina da trindade, que apresenta o Pai, o Filho e o Espírito Santo como três pessoas em um único ser. Além disso, essa doutrina ensina que todos os três participam plenamente do ser e das ações uns dos outros. Mas, isso suscita o problema óbvio de que, se Deus, o Filho, morresse, então o Pai e o Espírito Santo também morreriam. A verdade é que essa doutrina é simplesmente falsa. (Não temos espaço para cobrir esses e outros assuntos semelhantes neste artigo. Os leitores interessados podem aprender mais sobre esse assunto em nosso guia de estudo bíblico gratuito *Deus É Uma Trindade?*).

Muito mais que um simples homem

Quando o apóstolo Pedro se dirigiu à multidão em Jerusalém no dia de Pentecostes, quando teve início a Igreja do Novo Testamento, ele proclamou que Alguém muito maior que um homem havia sido crucificado: "Vós negastes *o Santo e o Justo* e pedistes que se vos desse um homem homicida. E *matastes o Príncipe da vida*, ao qual Deus ressuscitou dos mortos, do que nós somos testemunhas (Atos 3:13-15).

Além disso, Paulo deixa o assunto ainda mais claro. Observe o que ele disse em Filipenses 2:5-8: "Embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a Si mesmo, vindo a ser servo, tornando-Se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a Si mesmo e foi obediente até à morte, e morte de cruz!" (NVI).

Quem foi que morreu? Não foi apenas um homem que estava unido a Deus que morreu, mas Aquele que tinha sido Deus no mesmo nível de existência do Pai—o Verbo que se tornou carne—Esse morreu.

E, finalmente, uma confirmação clara e enfática de que Deus *morreu* na cruz vem do próprio Cristo glorificado: "Não temas", disse Cristo enquanto o apóstolo João estava prostrado a Seus pés, "Eu Sou o Primeiro e o Último e O que vive; *fui morto*, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amém!" (Apocalipse 1:17-18).

> O Verbo deixou Seu status existencial glorioso, eterno e todo-poderoso para que, finalmente, os seres humanos fossem glorificados como filhos espirituais e eternos de Deus.

Jesus Cristo, em Seu estado glorificado, reivindica Sua divindade, dizendo que Ele é o Primeiro e o Último (comparar Isaías 44:6), e afirma categoricamente que "esteve morto", e acrescenta a palavra "amém" para dar ênfase. Negar que Cristo morreu como Deus é negar sua própria e explícita declaração.

Quando Jesus Cristo—o Verbo feito carne—foi crucificado, Deus, o Filho, estava morto, como testemunha o próprio Cristo: "fui morto". Ele não mais vivia. Ele estava *morto*. Durante três dias e três noites, somente Deus Pai esteve vivo como Deus.

A ressurreição: o retorno à gloria

Então chegava a hora da outra parte crucial dessa jornada planejada desde a fundação do mundo (ver 1 Pedro 1:19-20; Apocalipse 13:8). Deus Pai, reinando supremo no céu, fez o que tinha combinado com o Cordeiro de Deus, morto desde a fundação do mundo—*Ele O ressuscitou dos mortos*.

O fato incontestável de que Deus Pai foi Quem ressuscitou Jesus Cristo, o Filho, dentre os mortos, é testificado várias vezes nas Escrituras (Atos 2:24, 32; 3:15, 26; 4:10; 5:30; 10:40; 13:30, 33, 34, 37; Romanos 4:24; 6:4; 8:11; 10:9; 1 Coríntios 6:14; 15:15; Gálatas 1:1; Efésios 1:17-20; Colossenses 2:12).

Por meio dessa ressurreição, Jesus tornou-se um espírito vivificante (1 Coríntios 15:45, 50) e sentou-se à direita de Deus (Marcos 16:19; Romanos 8:34; Hebreus 10:12). Esse é o evento mais magnífico de toda essa jornada *da glória* à *glória*. O Verbo retornou à glória que havia compartilhado com o Pai antes que o universo viesse a existir (João 17:5). Ele retornou como o totalmente realizado Cordeiro de Deus que tinha sido predestinado a ser morto desde a fundação do mundo.

Esse retorno à glória abriu o caminho da glorificação de todos os filhos de Deus e da expansão da família de Deus. João descreve assim: "Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é mani-

festo o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele; porque assim como é O veremos" (1 João 3:2).

E como é Jesus Cristo agora em Seu estado glorificado, depois de ter sido ressuscitado pelo Pai e voltado ao estado de Sua existência anterior?

Leia a descrição de Jesus, relatada na visão de João em Apocalipse 1:12-18 (NVI): "Voltei-me para ver quem falava comigo. Voltando-me, vi sete candelabros de ouro e entre os candelabros alguém 'semelhante a um Filho de Homem', com uma veste que chegava aos seus pés e um cinturão de ouro ao redor do peito. Sua cabeça e seus cabelos eram brancos como a lã, tão brancos quanto a neve, e seus olhos eram como chama de fogo.

"Seus pés eram como o bronze numa fornalha ardente e sua voz como o som de muitas águas. Tinha em sua mão direita sete estrelas, e da sua boca saía uma espada afiada de dois gumes [essa parte da visão, evidentemente, é figurativa da Palavra de Deus—Hebreus 4:12]. Sua face era como o sol quando brilha em todo o seu fulgor. Quando o vi, caí aos seus pés como morto. Então ele colocou sua mão direita sobre mim e disse: 'Não tenha medo. Eu sou o primeiro e o último. Sou aquele que vive. Estive morto, mas agora estou vivo para todo o sempre!'".

A glória que pode ser compartilhada com o ser humano

Esse é o mesmo tipo de existência espiritual, glorificada e imortal, que Deus promete a Seus filhos na ressurreição dos mortos, quando Jesus Cristo retornar! (1 Coríntios 15:50-54). A jornada de Cristo começou e terminou em glória como o propósito final da glorificação dos seres humanos—então Jesus é "o primogênito entre *muitos irmãos*", e estes serão ressuscitados para a glória (Romanos 8:29; Hebreus 2:10).

Então, voltamos à pergunta que fizemos no começo: Será que importa Quem veio morrer pelos nossos pecados e Quem O enviou? A resposta é um enfático *sim*! Se Deus, o Filho, não morreu por nós enquanto outro Ser divino, Deus, o Pai, permaneceu vivo, e com o poder de ressuscitá-Lo, então, como disse Paulo, somos os mais miseráveis de todos os homens e não temos esperança de vida eterna (1 Coríntios 15:14-19).

Felizmente, o Deus amoroso que fez o mundo nos deu o Seu Filho unigênito, Quem, de forma voluntária, se desfez de Sua glória e se tornou homem para morrer por nós, para que pudéssemos ter a vida eterna e compartilhar da glória de Deus para sempre.

Essa verdade não é muito difícil de entender. Deus se tornou homem para o homem se pudesse tornar um membro imortal da família de Deus—uma jornada que começou e terminou em glória! ***BN***



PARA SABER MAIS

Qual é o nosso destino final? Por que fomos criados? O que Deus tem reservado para nós em Seu magnífico e grandioso plano, que requereu o sacrifício de Jesus Cristo? Existe uma maneira de saber disso? Sim, existe — Deus revelou isso nas páginas da Bíblia! Descubra as respostas em nosso esclarecedor guia de estudo bíblico gratuito "**Por que Você Nasceu?**" Uma cópia gratuita está esperando por você!

http://portugues.ucg.org/estudos

Quem e o Que Era Jesus Cristo Antes de Nascer Como Ser Humano?

por Scott Ashley

Como mostra outro artigo desta revista, Aquele que se tornou Jesus Cristo era Deus, junto com Deus Pai, antes de Seu nascimento humano. Mas um estudo atento das Escrituras mostra que Ele era mais do que apenas outro ser divino antes desconhecido.

Repetidamente, as Escrituras nos dizem que ninguém nunca viu Deus Pai. Por exemplo, o apóstolo João deixa isso claro em João 1:18: "Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este O fez conhecer".

Neste capítulo, João havia acabado de explicar que ele era uma testemunha ocular pessoal do "Verbo" que se tornou carne, como Jesus Cristo, então isso não poderia se referir a Ele. O "Deus" que nunca foi visto a quem ele se refere é o Pai.

João afirma novamente a mesma coisa em 1 João 4:12: "Ninguém jamais viu a Deus".

Também temos duas dessas declarações explícitas do próprio Jesus Cristo. Observe João 5:37: "E o Pai, que me enviou, ele mesmo testificou de mim. *Vós nunca ouvistes a sua voz, nem vistes o seu parecer*" (grifo nosso).

E para deixar bem claro, Jesus disse novamente, em João 6:46, que ninguém nunca viu o Pai: "*Ninguém viu o Pai*, a não ser Aquele que vem de Deus; *somente Ele viu ao Pai*" (NVI).

Aqui Jesus diz claramente que ninguém viu o Pai, exceto Aquele que veio de Deus—referindo-se a Si mesmo. Somente Ele viu ao Pai. Nenhum ser humano jamais viu ao Pai.

No entanto, os livros do período do Antigo Testamento mencionam que muitas pessoas viram a Deus. Dentre elas estão Abraão (Gênesis 12:7; 15:1; 18:1), Isaque (Gênesis 26:2, 24), Jacó (Gênesis 28:13; 32:30; 35:9-10), Moisés (Êxodo 3:6; 33:11, 21-23), Arão e os setenta anciãos de Israel (Êxodo 24:9-11), Josué (Josué 6:2) e Gideão (Juízes 6:14).

A Bíblia diz que quase todos esses encontros foram face a face. Duas dessas pessoas comeram uma refeição com Deus, e Jacó literalmente lutou com Deus.

Então, quem essas pessoas viram se não era Deus Pai? A única maneira de entender isso é aceitando que *nenhum homem jamais viu a Deus Pai*.



Lifeway Collection/Goodsalt

Quando Deus apareceu a Moisés na sarça ardente disse que Seu nome era "EU SOU". Quinze séculos depois, Jesus Cristo se identificou com o mesmo nome, "EU SOU", em João 8.

O que eles viram, segundo registrado nessas e em muitas outras passagens em que Deus lhes aparece, foi *o Verbo, que era Deus* (João 1:1), Aquele que nasceu na carne como Jesus de Nazaré. E esse entendimento não tem contradição. A Bíblia não se contradiz, pois "a Escritura não pode ser anulada" (João 10:35).

A Escritura revela que foi Jesus quem interagiu com os patriarcas e os profetas do povo de Israel como o Senhor ou Deus em nome do Pai. Eles nunca viram ao Pai, mas apenas o Verbo ou o Porta-voz de Deus, que veio para revelar o Pai (João 1:18).

Aquele que apareceu e falou com as pessoas como Deus foi o mesmo que se tornou Jesus Cristo. O próprio Jesus disse claramente isso, e as pessoas que o ouviram sabiam exatamente o que Ele queria dizer. Veja isso em João 8:57-58, onde Jesus estava em um debate acalorado com alguns dos judeus que se opunham a Ele, e disse-lhes que Abraão se alegrou em ver o Seu dia.

"Disseram-lhe, pois, os judeus: Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão? Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que, *antes que Abraão existisse, EU SOU*."

Aqui Jesus revelou-lhes, especificamente, Sua identidade divina—que Ele existia antes de Abraão, e, portanto, Ele era o Deus que havia interagido com as pessoas no período do Antigo Testamento. A quem Ele afirmou isso diretamente?

Encontramos a resposta em Êxodo 3:13-14, onde Deus apareceu a Moisés na sarça ardente e disse que libertaria os israelitas da escravização no Egito.

"Então, disse Moisés a Deus: Eis que quando vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me disserem: Qual é o Seu nome? Que lhes direi? E disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós".

E quinze séculos depois, quem Jesus disse que era? Vamos voltar a ler João 8:58, onde Jesus disse: "Em verdade, em verdade vos digo que, antes que Abraão existisse, EU SOU".

Veja o que aconteceu logo depois que Jesus disse isso: "*Então, pegaram em pedras para Lhe atirarem*; mas Jesus ocultou-se, e saiu do templo, passando pelo meio deles, e assim se retirou" (João 8:59).

Os judeus que ouviram Jesus dizer estas palavras sabiam exatamente o que Ele quis dizer—Ele estava afirmando ser o "EU SOU" que interagiu com Moisés. E como eles reagiram? Imediatamente, eles tentaram apedrejá-lo até a morte por alegar ser Deus!

Os escritores do Novo Testamento entenderam quem e o que era Jesus Cristo e dirigiram as profecias do "Senhor"—o Deus de Israel—a Jesus Cristo.

Por exemplo, o apóstolo Pedro escreveu em 1 Pedro 2:7-8: "Para vós outros, portanto, os que credes, [Jesus Cristo] é a preciosidade; mas, para os descrentes. . . Pedra de tropeço e rocha de ofensa" (ARA). Ele está citando Isaías 8:13-14, que previa que "o Senhor dos Exércitos" seria "pedra de tropeço e de rocha de escândalo".

O apóstolo Paulo aplica várias passagens do Antigo Testamento sobre o Senhor a Jesus Cristo. Por exemplo, Joel 2:32 diz: "E há de ser que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo". Em Romanos 10:9-13, Paulo direciona essa profecia a Jesus Cristo.

E é em uma profecia inconfundível que lemos sobre isso, Isaías 40:3 predisse: "Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; endireitai no ermo vereda a nosso Deus".

Esta é uma profecia acerca de João Batista. Mas para quem ele iria preparar o caminho? Claramente nos é dito que João prepararia o caminho para "o Senhor". Como essa profecia se cumpriu? Leia Mateus 3:3: "Porque este é o anunciado pelo profeta Isaías, que disse: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas" (Ver também Marcos 1:2-3 e Lucas 3:3-4).

João preparou o caminho para a vinda de quem? Para a vinda do Senhor. E quem era esse Senhor? *Jesus Cristo*.

Embora haja muitos desses exemplos, precisamos notar esse que identifica Jesus Cristo especificamente como "a Pedra" que acompanhou Israel na época do êxodo do Egito. Note 1 Coríntios 10:1-4: "Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem; e todos passaram pelo mar, e todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar, e todos comeram de um mesmo manjar espiritual, e beberam todos de uma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia [ou acompanhava]; e *a pedra era Cristo*" (ver também o versículo 9).

Estas não são todas as escrituras pertinentes a esse assunto, mas são suficientes para demonstrar claramente que Aquele que interagiu com os seres humanos no período do Antigo Testamento como Deus, atuando como o representante do Pai, era Quem hoje conhecemos como Jesus Cristo. ***BN***

GRANDE TRIBULAÇÃO

Bem-vindo à décima lição da série "A Profecia Bíblica e Você"!

Muitas pessoas ouviram falar da Grande Tribulação da Bíblia. Mas muito do que se ouve hoje em dia é desinformação e ideias erradas. É importante aprender exatamente o que a Bíblia ensina. Existem muitas profecias bíblicas sobre a Grande Tribulação do fim dos tempos, e, provavelmente, esta lição será apenas uma introdução ao assunto.

É de partir o coração quando lemos sobre esse sofrimento profetizado, mas Deus permitirá isso para o bem perene da humanidade. Deus, sendo um Pai amoroso, disciplina seus filhos desobedientes. O desejo de Deus é que toda a humanidade acabe se arrependendo e faça parte de Sua família e de Seu Reino!

Aqueles que já são filhos obedientes de Deus não precisam temer. Eles sabem que Deus pode protegê-los e que, mesmo que Ele permita que morram, eles logo ressuscitarão para estar em Seu Reino!

E isso é uma bênção, pois não somos ignorantes quanto ao futuro! Deus nos diz o que esperar e como se preparar.

Mas, o que é a Grande Tribulação? E, de acordo com as profecias, quais nações e povos vão sofrer nesse tempo? Qual é o propósito de Deus acerca disso? A seguir, veremos isso e muito mais!

Como será a Grande Tribulação?

Durante a Segunda Guerra Mundial, a taxa de mortalidade foi de 27% do efetivo e os japoneses fizeram mais de cento e trinta mil prisioneiros. Em um artigo intitulado "Indo e Voltando do Inferno" na edição de 23 de maio de 2009 da revista *World*, o escritor Edward Pitts descreveu algumas das experiências horríveis relatadas por seu avô, Edward Treski, segundo-tenente do exército norte-americano:

"Por dois anos, três meses e quinze dias eu sobrevivi como prisioneiro em três campos de concentração de japoneses espalhados pelas Filipinas—onde os torturados eram pendurados pelos braços no portão do campo ou espancados em pé na água com bastões de choque para gado . . . Lugares onde os prisioneiros escondiam os mortos para receberem porções extras de comida até que o cheiro fosse grande demais, and lugares onde os corpos em decomposição flutuavam para fora de suas sepulturas durante as estações de chuva, e isso exigia que fossem re-enterrados.

"Então, no fim do verão de 1944 . . . [ele] encontrou-se com uma corda no pescoço e também centenas de outros prisioneiros esqueléticos . . . [com os guardas ordenando] que marchassem descalços e em fila". Muitos desses homens exaustos morreram ao longo do caminho.

Ao chegar ao porto de Davao, "setecentos e cinquenta prisioneiros de guerra se juntaram a outros sobreviventes e entraram numa embarcação que, mais tarde, foi chamada de chamado de 'navio do inferno'". Treski disse que sentiam "enlatados como sardinhas . . . e o lugar era um forno e não tinha água nem acomodações, nada".

Lee continua: "Os guardas costumavam nos dar alguns baldes de água e legumes podres para os prisioneiros famintos . . . creio que com os mesmos baldes que desciam a água e a comida, eles recolhiam o lixo [acrescentou Treski] . . . Os prisioneiros de guerra conseguiram passar quatorze dias naquele porão sujo e extremamente quente". A maioria achavam que morreriam de fome ou asfixiados.

O artigo prossegue contando sobre a incrível fuga de Treski, que acreditava ter sido um milagre.

Infelizmente, o sofrimento dos prisioneiros de guerra na Segunda Guerra Mundial—a fome, as doenças, as torturas, os ferimentos e as execuções—nos dá uma ideia da espécie de infortúnio que muitos sofrerão durante o tempo que a Bíblia chama de Grande Tribulação.

Entenda que Deus pode e irá proteger o Seu povo

Antes de nos concentrarmos nos eventos assustadores do tempo do fim, precisamos saber que Deus deseja e tem poder para proteger Seus seguidores! Inúmeras vezes, Deus protegeu milagrosamente pessoas de todos os tipos de perigos.

Até mesmo quando Deus permite que Seus filhos morram, Ele os protege de outras provações, como prisão, tortura ou sofrimento prolongado.

Às vezes, a maneira de Deus proteger é avisando ao Seu povo para "fugir" do perigo iminente a um lugar onde Ele os manterá seguros (Mateus 10:23). Deus disse a Ló para sair de Sodoma antes que Ele a destruísse. Deus disse a José, marido de Maria, em um sonho, para fugir para o Egito com Maria e o menino Jesus (Mateus 2:13).

O termo *Grande Tribulação* é encontrado na pregação de Jesus no Monte das Oliveiras—onde Ele entregou uma profecia. Jesus disse a Seus discípulos (e também aos *futuros* discípulos): "Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo [será explicado numa lição futura] . . . Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes . . . porque nesse tempo haverá *grande tribulação*" (Mateus 24:15-16, 21, ARA, grifo nosso). O termo também é usado em Apocalipse 7:14.

Encontramos uma profecia sobre Deus protegendo grande parte

Jacob Gojda/123RF

de Sua Igreja durante a Grande Tribulação em Apocalipse 12:14: "E foram dadas à mulher [aqui simbolizando a Igreja de Deus] duas asas de grande águia [ajuda divina—Êxodo 19:4], para que voasse [fugir] para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo [três anos e meio], fora da vista da serpente [Satanás—Apocalipse 12:9]". Contudo, Deus permitirá que alguns membros de Sua Igreja sejam perseguidos e até mesmo martirizados (versículo 17).

Observe que a teoria de um "arrebatamento" secreto dos santos para o céu antes da tribulação *não é bíblica*! Os santos serão protegidos em um "lugar" no "deserto"—na Terra e não no céu. Para saber mais sobre essa teoria do arrebatamento, faça uma busca do "arrebatamento" em nosso site *revistaboanova.org*.

Evidentemente, Cristo estava referindo-se ao tempo da Grande Tribulação, mas Ele prometeu o seguinte a certos membros de Sua Igreja: "Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da *hora da provação* que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra" (Apocalipse 3:10, ARA).

> A Grande Tribulação é como Jesus descreveu a pior época da história de toda a humanidade — quando a humanidade estará à beira da extinção.

Definitivamente há um lado positivo em todas essas calamidades do tempo do fim que assolarão a Terra. Muitas pessoas vão se arrepender e verão Cristo retornando e ressuscitando os santos, Seus fiéis seguidores desta época, para estabelecer o Reino de Deus na Terra!

► O que é a Grande Tribulação?

"Então, sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do Meu nome . . .

"Porque então haverá grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem jamais haverá . . .

"Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados" (Mateus 24:9, 21, 29, ARA).

Muitas pessoas vão passar por essa "tribulação", que significa grande aflição, provação ou angústia. Mas ao falar do tempo do fim, Jesus disse que "haverá *grande tribulação*, *como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais*" (Mateus 24:21, ARA; ver relato paralelo em Marcos 13:19).

Portanto, como descreveu Jesus, a Grande Tribulação será a pior época da história de toda a humanidade. Outras profecias que se referem a esse tempo de sofrimento sem precedentes se encontram em Jeremias 30:7, Ezequiel 5:9 e Daniel 12:1.

Jesus também disse que essa época será o fim de tudo "se aqueles dias não fossem abreviados [pela intervenção de Deus], *ninguém sobreviveria*; mas, por causa dos eleitos, aqueles dias serão abreviados" (Mateus 24:22, NVI). Isto não mostra apenas que a Grande Tribulação será terrível, mas também aponta que esse tempo do fim é o que estamos vivendo agora. Desde a invenção das armas nucleares, químicas e biológicas tornou-se possível a completa destruição da humanidade.

A Grande Tribulação também é descrita em muitas outras profecias do Antigo e do Novo Testamento.

► Será que a Grande Tribulação tem como alvo a Israel (este nome, como vimos na lição anterior, muitas vezes se refere às profecias sobre os atuais povos norte-americanos e descendentes de britânicos) e também a Judá (o povo judeu, particularmente a moderna nação judaica chamada Israel)?

"Ah! Porque aquele dia é tão grande, que não houve outro semelhante! E é tempo de angústia para Jacó; ele, porém, será salvo dela" (Jeremias 30:7).

A resposta é *sim*. Vemos aqui que é o "tempo da angústia para Jacó [Israel]". Entretanto, essas pessoas serão salvas dela—mas somente depois de passarem por isso.

Na lição anterior, aprendemos que os descendentes proféticos de Jacó, cujo nome foi mudado para Israel, são os povos que se estabeleceram mais notoriamente na Grã-Bretanha e depois nos Estados Unidos da América e outras nações de ascendência britânica—Canadá, Austrália, Nova Zelândia e partes de outros países, como a África do Sul.

No relato de Lucas da profecia do Monte das Oliveiras, Jesus disse: "Pois esses são os dias da vingança, em cumprimento de tudo o que foi escrito [pelos profetas]" (Lucas 21:22, NVI). Quem é "este povo" a que se refere o versículo 23? Provavelmente, Jesus queria dizer que eram os descendentes de Israel e de Judá.

Ele prosseguiu, dizendo: "Cairão pela espada e serão levados como prisioneiros para todas as nações. Jerusalém será pisada pelos gentios [não israelitas], até que os tempos deles se cumpram" (versículo 24, NVI). A referência a Jerusalém mostra que essa punição incluirá a terra de Judá, o moderno Estado judeu de Israel.

► Por que Deus castigará o povo israelita?

"Vedes aqui vos tenho ensinado estatutos e juízos, como me mandou o Senhor, meu Deus, para que assim façais no meio da terra a qual ides a herdar.

"Guardai-os, pois, e fazei-os, porque esta será a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos que ouvirão todos estes estatutos e dirão: Só este grande povo é gente sábia e inteligente.

"Porque, que gente há tão grande, que tenha deuses tão chegados como o Senhor, nosso Deus, todas as vezes que o chamamos? E que gente há tão grande, que tenha estatutos e juízos tão justos como toda esta lei que hoje dou perante vós? . . .

"Guardai-vos de que vos esqueçais do concerto do Senhor, vosso Deus, que tem feito convosco, e vos façais alguma escultura, imagem de alguma coisa que o Senhor, vosso Deus, vos proibiu. Porque o Senhor, teu Deus, é um fogo que consome, um Deus zeloso.

"Quando, pois, gerardes filhos e filhos de filhos, e vos envelhecerdes na terra, e vos corromperdes, e fizerdes alguma escultura, semelhança de alguma coisa, e fizerdes mal aos olhos do Senhor, para o provocar à ira, hoje, tomo por testemunhas contra vós o céu e a terra, que certamente perecereis depressa da terra, a qual, passado o Jordão, ides possuir; não prolongareis os vossos dias nela; antes, sereis de todo destruídos.

"E o Senhor vos espalhará entre os povos, e ficareis poucos em número entre as gentes às quais o Senhor vos conduzirá . . .



> Nunca é tarde demais para se arrepender e entregar sua vida a Deus. E não importam quais são seus pecados ou em que tipo de situação você se encontra.

Quando estiveres em angústia, e todas estas coisas te alcançarem, então, no fim de dias, te virarás para o Senhor, teu Deus, e ouvirás a sua voz. Porquanto o Senhor, teu Deus, é Deus misericordioso; e não te desamparará, nem te destruirá, nem se esquecerá do concerto que jurou a teus pais" (Deuteronômio 4:5-8, 23-27, 30-31).

Deus escolheu Israel para ser Sua nação modelo com o intuito de demonstrar ao resto do mundo a benignidade e a sabedoria de Suas leis. Porém, esse entendimento e outras bênçãos trazem uma *imensa responsabilidade*. O povo britânico e norte-americano tem fracassado terrivelmente nessa missão divina, à medida que ignoram cada vez mais a Bíblia e rejeitam as leis e os padrões morais de Deus. Portanto, como havia prometido, Deus vai puni-los. E essa punição será a Grande Tribulação.

A profecia indica que a Tribulação vai incentivar muitas pessoas a se arrependerem de seus pecados e se voltarem para Deus. Se você acabar em cativeiro "no fim de dias", você pode voltar-se para Deus e para Sua misericórdia. "Então, dali, buscarás ao Senhor, Teu Deus, e o acharás, quando o buscares de todo o teu coração e de toda a tua alma" (Deuteronômio 4:29).

Deus começará a punir o resto do mundo um ano antes do retorno de Cristo. Esse período será a primeira parte do "dia do Senhor" (Atos 2:20), que será explicado numa lição futura.

► A Grande Tribulação também será uma época de perseguição aos verdadeiros cristãos?

"Mas, antes de todas essas coisas, lançarão mão de vós e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e às prisões e conduzindo-vos à presença de reis e governadores, por amor do Meu nome" (Lucas 21:12).

"Então, vos hão de entregar para serdes atormentados e matar-vos-ão; e sereis odiados de todas as gentes por causa do Meu nome" (Mateus 24:9).

"E sereis aborrecidos por todos por amor do Meu nome; mas quem perseverar até ao fim, esse será salvo" (Marcos 13:13).

Na profecia do Monte das Oliveiras (registrada nestes três capítulos, Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21), Jesus estava falando a Seus discípulos (e *futuros* discípulos) sobre a perseguição que iria acontecer.

Será uma época em que um poder religioso mundial tentará destruir "os santos do Altíssimo" (Daniel 7:25). Haverá uma aliança entre um líder religioso com a "besta" de Apocalipse 13:7 que vai "fazer guerra aos santos e [vai] vencê-los" (ver também Apocalipse 17:6). Esse líder religioso e "a besta" serão explicados em uma futura lição.

Como explicado acima, Deus protegerá milagrosamente grande parte de Seu povo—especialmente aqueles que estarão *espiritualmente próximos* de Deus. Lembre-se de que nunca é tarde demais para se arrepender e entregar sua vida a Deus. Não importa em que tipo de sofrimento você possa se encontrar, Deus diz: "Então, me invocareis, e ireis, e orareis a mim, e eu vos ouvirei. E buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração" (Jeremias 29:12-13).

► Será que Deus usa as nações inimigas como instrumentos de julgamento?

"Ai da Assíria, a vara da minha ira! Porque a Minha indignação é como bordão em suas mãos" (Isaías 10:5).

Deus usou a Assíria como "a vara de Sua ira" para conquistar e deportar a rebelde casa de Israel. Mais tarde, Deus usou a Babilônia como Seu agente para conquistar o povo, cada vez mais pecador, de Judá e levá-lo ao cativeiro (Jeremias 20:4). Essas punições servem como exemplos ou modelos das punições do fim dos tempos.

A Grã-Bretanha, os Estados Unidos e seus aliados sofreram muito nas duas guerras mundiais contra a Alemanha e forças aliadas. Parece que Deus estava dando à Grã-Bretanha e aos Estados Unidos uma forte advertência sobre seus pecados, enquanto, ao mesmo tempo, de forma misericordiosa e milagrosa, intervinha para lhes dar a vitória. Segundo a profecia bíblica, está chegando um tempo em que os povos norte-americanos e britânicos serão derrotados na guerra, e os sobreviventes irão para o cativeiro.

As consequências da contínua desobediência a Deus serão severas. "O Senhor te fará cair diante dos teus inimigos . . . Filhos e filhas gerarás; porém não serão para ti, porque irão em cativeiro . . . O Senhor levantará contra ti uma nação de longe, da extremidade da terra, que voa como a águia, nação cuja língua não entenderás; nação feroz de rosto, que não atentará para o rosto do velho, nem se apiedará do moço" (Deuteronômio 28:25, 41, 49-50).

► Será que é Satanás quem vai incitar o começo da Grande Tribulação?

"Pelo que alegrai-vos, ó céus, e vós que neles habitais. Ai dos que habitam na terra e no mar! Porque o diabo desceu a vós e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo. E, quando o dragão viu que fora lançado na terra, perseguiu a mulher que dera à luz o varão" (Apocalipse 12:12-13).

Satanás não apenas detesta os seguidores de Cristo, mas também tem um ódio especial pelos descendentes de Israel desde que Deus os escolheu para ser Seu "povo santo" e para "guardar todos os Seus mandamentos" como exemplo para todas as outras nações. A "mulher" que Satanás persegue pode simbolizar tanto a Igreja de Deus quanto a Israel física.

lincolnroger/123RF

► Quanto tempo antes do retorno de Cristo é que começa a Grande Tribulação?

"E foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente" (Apocalipse 12:14).

Claro, já vimos este versículo antes. A frase profética "um tempo [um ano] e tempos [dois anos] e metade de um tempo [meio ano]" refere-se a três anos e meio. Em Daniel 7:25 e 12:7 somos informados que os "santos" ("o povo santo") serão perseguidos por três anos e meio. Uma grande parte da Igreja ("a mulher") será protegida e "sustentada" por Deus durante esse tempo.

> Deus pode ser excluído com facilidade de nossas vidas, e não apenas por causa de atitudes pecaminosas, mas também por muitas outras coisas que ocupam nosso tempo.

Aparentemente, isso ocorrerá ao mesmo tempo em que os gentios, liderados pela "besta", "pisarão a Cidade Santa [Jerusalém] por quarenta e dois meses" (Apocalipse 11:2; 13:4-5). E também, nesse mesmo período, as "duas testemunhas" . . . profetizarão por mil duzentos e sessenta dias" (Apocalipse 11:3).

Todas estas frases significam o mesmo período de tempo de três anos e meio.

► A Bíblia profetiza um "segundo êxodo" para os sobreviventes do cativeiro?

"Porque há de acontecer, naquele dia, que o Senhor tornará a estender a mão para adquirir outra vez os resíduos do seu povo que restarem da Assíria, e do Egito, e de Patros, e da Etiópia, e de Elão, e de Sinar, e de Hamate, e das ilhas do mar.

"E levantará um pendão entre as nações, e ajuntará os desterrados de Israel, e os dispersos de Judá congregará desde os quatro confins da terra. E desterrar-se-á a inveja de Efraim, e os adversários de Judá serão desarraigados; Efraim não invejará a Judá, e Judá não oprimirá a Efraim.

"Antes, voarão sobre os ombros dos filisteus ao Ocidente; juntos, despojarão os filhos do Oriente; em Edom e Moabe lançarão as mãos, e os filhos de Amom lhes obedecerão.

"E o Senhor destruirá totalmente o braço de mar do Egito, e moverá a sua mão contra o rio com a força do seu vento, e, ferindo-o, dividi-lo-á em sete correntes, que qualquer atravessará com calçados. E haverá caminho plano para os resíduos do seu povo que restarem da Assíria, como sucedeu a Israel no dia em que subiu da terra do Egito" (Isaías 11:11-16).

Nem todos que serão levados ao cativeiro vão morrer. Evidentemente, milhões de pessoas que se voltarem para Deus e sobreviverem serão convidados por Jesus Cristo, pouco depois de Seu retorno, à Sua cidade santa de Jerusalém (ver também Isaías 27:12-13 e 51:10-11). Estas Escrituras retratam a realocação maciça de sobreviventes. Esse "segundo êxodo" será muitíssimo maior que o famoso êxodo do Egito (Jeremias 16:14-15; 23:7-8). E a Bíblia tem muitas outras Escrituras sobre esse futuro feliz da saída do cativeiro para a Terra Prometida!

Pratique agora

Jesus advertiu: "Vigiai! Que a minha vinda repentina não apanhe vocês desprevenidos. E Eu não encontre vocês vivendo à toa, em festas e bebedeiras, ou ocupados com os problemas desta vida, como os outros do mundo" (Lucas 21:34, Bíblia Viva).

Deus pode facilmente ser excluído de nossas vidas, não apenas por causa de nossos pecados, mas também por muitas *outras* coisas—até mesmo coisas boas—que ocupam nosso tempo. Na parábola do semeador, Jesus advertiu sobre os "cuidados deste mundo" e "as ambições de outras coisas" e os "deleites da vida" (Mateus 13:22, Marcos 4:19, Lucas 8:14). Enfim, quando alguém tem a cabeça cheia de coisas, está na hora de *simplificar*!

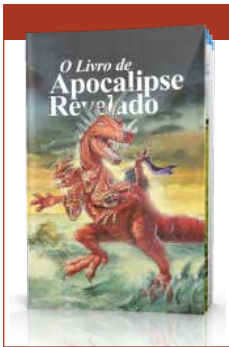
E quanto a você? Este é um bom momento para reexaminar suas prioridades enquanto isso está em sua mente. Faça de Mateus 6:33 ("buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça") o principal objetivo de sua vida e, então, procure conciliar todos os seus outros objetivos com isso.

Para reorganizar sua vida, você precisa começar agora mesmo, anotando as mudanças que deseja fazer em suas prioridades e atividades. Revise seu planejamento pelo menos uma vez ao dia durante a próxima semana. Você se sentirá motivado quando perceber as evidências do verdadeiro crescimento espiritual!



E para aprender mais sobre os eventos que vão abalar este mundo nos próximos anos, não deixe de ler nosso guia de estudo bíblico gratuito *Estamos vivendo no tempo do fim?* ***BN***

PARA SABER MAIS



Quando é que Deus porá um fim à maldade? Quando Ele vai eliminar a influência de Satanás? Quando cessará a crueldade do homem para com seu próximo? Após a última rebelião de Satanás, haverá uma ressurreição geral da humanidade, todos aqueles que viviam no mundo de Satanás, sem uma real oportunidade de salvação (versículos 5, 11-12). E essas pessoas poderão comparar suas vidas anteriores sob o domínio de Satanás com a vida sob o domínio de Deus—e decidirem se querem ou não aceitar o caminho de Deus e a vida eterna em Seu Reino. Para entender melhor os grandes eventos que terão lugar nesse tempo, você pode baixar ou pedir nosso guia de estudo bíblico gratuito "**O livro de Apocalipse Revelado**".

http://portugues.ucg.org/estudos

O evangelho é mais do que apenas a vida e o ministério de Jesus Cristo.

Muito mais!

Entenda como a mensagem da boa nova que sacudiu a Terra, proclamada por Jesus Cristo, praticamente foi esquecida por quase dois mil anos!

Aprenda diretamente das Escrituras o que o evangelho—as boas novas—significa para você e todo ser humano que já viveu!

SOLICITE OU BAIXE A SUA CÓPIA **GRATUITA** do "***O Evangelho do Reino de Deus***" em **http://portugues.ucg.org/estudos/**



Faça uma doação agora!

Esta obra evangelizadora compreende a edição, publicação e distribuição gratuita desta Boa Nova do vindouro Reino de Deus, de vários guias de estudo de ensino bíblico, e da preparação e cuidado dos irmãos, ao redor do mundo.

Esta revista 'A Boa Nova' e guias de estudo Bíblicos aqui mencionados contêm direitos auditorais e são publicados pela Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional. Também somos representados e os distribuimos, sob licença, em Angola pela Igreja de Deus Mundial em Angola.

Sua doação espontânea ou seus dízimos nos ajudarão a ampliar esse esforço. Use a conta ao lado se vive no Brasil, ou a aba de doações do nosso site, ou detalhes de contato na página 2. Muito obrigado pela sua contribuição.

Banco: Caixa Econômica Federal (104)
Agência: 3540
Operação: 003
Conta Corrente: 1877-4
CNPJ: 19.443.682/0001-35
Beneficiário: Igreja de Deus Unida Brasil



Foto: Wikimedia Commons

https://portugues.ucg.org/a-boa-nova